

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU
Faculdade de Educação – FAGED**

Linha de pesquisa: Filosofia da diferença e Educação
Área temática: *Metainfanciologia*

Rosiara Pereira Costa

O devir-infantil do pós-curriculo.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profª Drª Sandra Mara Corazza

**Porto Alegre,
Março de 2007.**

AGRADECIMENTOS

Ao Pedro, à Diana, à Júlia e ao Lorenzo, filhos queridos, que sempre me deram inspiração.

Ao Wladimir, ao Marco e à Patrícia, ao Euclides e à Albertina.

Em especial à minha orientadora, Sandra Mara Corazza, pois sem seu acompanhamento, paciência, carinho e generosidade, a conclusão deste trabalho não seria possível.

Aos colegas do grupo de orientação: Cláudia, Cristiano, Deniz, Esther, Gabriel, Luciane, Luciano, Luiz, Karen e Paulinho, que acompanharam o processo de escrita desta dissertação, contribuindo com suas leituras atentas, críticas, comentários, sugestões, indicação e empréstimo de livros.

À amiga Selda, pelo carinho e estímulo, e aos muitos colegas com quem convivi nos seminários freqüentados durante o curso,

Aos professores Tomaz Tadeu e Paola.

Aos funcionários e funcionárias do PPGEDU.

À agência CAPES.

"Alegria", sim, talvez... essa palavrinha simples e modesta pode a florá-lo sem grande perigo...mas não é capaz de dar conta de tudo o que me inunda, transborda, se expande e vai se perder, fundir-se nos tijolos rosados, no ar que vibra agitado por tremores apenas perceptíveis, por ondas... ondas de vida, que outra palavra?... da vida em estado puro, nada a ameaça-la, nenhuma mistura, ela atinge de repente a maior intensidade que poderia jamais alcançar... tanta intensidade nunca mais, por nada, simplesmente porque é ali, porque estou ali, no pequeno muro rosa, nas flores das trepadeiras, nas árvores, no gramado, no ar que vibra... estou neles, mais nada, nada que não seja eles, nada sem mim."

(Nathalie Sarraute, Infância)

RESUMO

Esta dissertação é produzida a partir da perspectiva da Filosofia da diferença em suas intersecções com a educação. Ela busca responder à pergunta: O que pode o devir-infantil do pós-curriculo?, apropriando-se do conceito de pós-curriculo, invenção de Corazza, e buscando atualizá-lo e reinventá-lo. Explicita o sentido de devir-infantil, afirmando que ele não se refere ao sujeito criança, e tampouco a outro sujeito qualquer, pois um devir se constitui por movimento e transformação, não se fixando em nenhuma forma de identidade. Atribui ao devir-infantil do pós-curriculo um caráter minoritário, devido à sua constituição por fluxos moleculares e linhas de fuga, e ao polilingüismo que o atravessa. Afirma, ainda, o nomadismo do devir-infantil, atribuindo-lhe a invenção de uma máquina de guerra constituída pelo riso. Reunindo estes conceitos, apresenta um pós-curriculo movido pelo devir-infantil que problematiza e desestabiliza o pensamento e as práticas escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da diferença, devir-infantil, minoridade, nomadismo, pós-curriculo.

ABSTRACT

This paper is produced from the difference's philosophy's perspective and its intersections with education. It aims to answer the question: What can the post-curriculum child-becoming do?, taking property of the meaning of post-curriculum, invented by Corazza, and trying to update and reivent it. It explains that the meaning of child-becoming is not referred to the child individual, neither any other individual, because a becoming is made of movement and transformation, it doesn't fit in any kind of identity forms. It attributes to the post-curriculum child-becoming a minority character due to its molecular flows and escape lines constitution and to the multilinguism that crosses it. It also affirms the child-becoming's nomadism, attributing to it the invention of a war machine made by laughter. Putting these concepts together, a post-curriculum moved by child-becoming is presented, which problemizes and destabilizes the thinking and school practices.

Keywords: Difference Philosophy, child-becoming, minority, nomadism, post-curriculum.

SUMÁRIO

TAL COMO A VIDA	7
POTÊNCIAS DO ÍNFIMO	12
O estabelecido e o mutante	20
PARTÍCULAS EM MOVIMENTO.	30
Animais que nos habitam.	33
Agonizar.	37
Limiões	37
Inverno-primavera	38
<i>Hecceidades</i>	41
A velhinha e o mar	42
Planos, linhas.	44
O que anima.	47
PÉS BAILARINOS, DESCONTROLADOS, DESMEDIDOS.	52
Infantil destruidor.	64
Estranguladora.	65
Blocos de infância.	65
Distância, Roubar frutas, Cheiro, Pés, Voz, Noite, Páscoa, Banho de chuva, Independência.	65,66,67
Arremate.	67
AQUELES QUE CAVALGAM OS VERMES.	69
Naturezas nômades	71
Aquele que ama os ventos.	76
Nós urbanos.	79
Embriaguez.	88
Entrelaçamentos	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	102

TAL COMO A VIDA

E se, algum dia, a minha prudência me abandonar – ah, como gosta de bater asas!, - possa a minha altivez, então, voar ainda em companhia de minha loucura!¹

O presente trabalho não é um resultado, mas apresenta uma trajetória que finda. Tempo e experiência percorridos, caminho marcado por incertezas, entusiasmo, erros, acelerações, quedas, paralisias, medo, recuperação. Um curto e longo percurso. Tal como a vida. Mas o que importa o tamanho do percurso? O que importa é o que a ele sucede, os encontros que acontecem, durante o andar da carroça ou nas longas caminhadas de Zaratustra.

O que importa são as linhas de escrita e vida, seus entrelaçamentos, seus cruzamentos, e o que elas compõem: agenciamentos, planos. Uma trajetória é um rizoma; um mapa que se desenha, repetição e mudança.

Um percurso é sempre distinto de outro, ainda que os pés pisem sobre pegadas, ainda que sigam mapas já desenhados.

No percurso que se descreve, não há finalidades últimas, pontos a ser atingidos. Os pontos decorrem do trajeto, criam-se em função de suas necessidades.

¹ NIETZSCHE, 1990, p. 41

Dentre as linhas que delineiam este trabalho, há uma que atravessa a todas, que formula uma pergunta, da qual podem derivar outras: O que pode o devir-infantil do pós-curriculo², dotado de forças nômades, menores? O que pode um pós-curriculo, que não se opõe ao curriculo, mas conjuga-se a ele, extraíndo, dele, pequenas partículas que causam transformações?

Na tentativa de responder a tais perguntas, vai se desenhando uma trama de conceitos, um tecido. Inicialmente, desenvolve-se a idéia de devires-infantis, que são os devires-criança da Filosofia da diferença, renomeados por Corazza.³ Afirma-se que eles possuem natureza nômade, e que são menores, em relação ao modelo identitário adulto.

Escreve-se sobre o pós-curriculo com a pretensão de deslocar, desestabilizar, estranhar, encantar, inventar novos modos de pensar o trabalho com educação, na educação.

Se o devir-infantil do pós-curriculo fosse um canteiro, ele teria graça, riso, leveza e perfume. Seria muito colorido e variado, com bocas-de-leão e amores-perfeitos, gardênias e brincos de princesa, orquideas e gérberas, lírios, hortênsias, margaridas e primaveras. Seria um canteiro visitado por lagartas e gafanhotos, besouros e caracóis, abelhas e joaninhas, cascudos e marimbondos, sabiás e bem-te-vis. Que, por sua vez, atrairiam lagartos, gatos, lagartixas, sapos e cobras.

² CORAZZA, 2001.

³ CORAZZA, 2005.

Haveria, portanto, beleza, doçura, selvageria, perigo, criação e destruição.

Da literatura, este trabalho rouba alguns trechos, para potencializar a compreensão dos conceitos aqui trabalhados. A divisão em capítulos cumpre uma função principalmente organizacional e didática.

Sabe-se que todo conceito "tem uma cifra"⁴, ou seja, todo conceito se compõe de vários elementos, que, por sua vez, relacionam-se aos componentes de outros conceitos. Dessa forma, os capítulos, através dos componentes dos conceitos desenvolvidos em cada um deles, estão interligados, e, em alguns momentos, parecerá que se está repetindo um mesmo tema. O que não deixa de ser verdade: as repetições formam padrões, aos quais se acrescentam variações.

O primeiro capítulo, inicialmente, traz o conceito de minoridade, associando-o à Filosofia da diferença, e assumindo a filiação deste trabalho a uma filosofia menor. Em seguida, busca explicar como se constitui um currículo, para introduzir a idéia de pós-curriculo, que se origina a partir do currículo, transformando-o. O pós-curriculo, como ser lingüageiro, quer o desigual, o díspar, o que desequilibra, descentraliza, desestabiliza, afirmando as matilhas, os bandos, as multiplicidades, o anômalo. Um pós-curriculo quer infantilizar, nomadizar e minorar os currículos escolares, operando pelas bordas,

⁴ Cf. DELEUZE, GUATTARI, 1992, p. 27

afirmando forças anômalas, valorizando os problemas, as linhas de fuga, que provocam mudanças.

O segundo capítulo fala sobre devires, tentando responder às perguntas: O que são? Acontecem voluntária ou involuntariamente? Há sujeitos dos devires? O que se produz, num devir-infantil? O que é uma *hecceidade*?⁵ Dentre outros recortes literários, destaca-se a figura de Sexta-feira, personagem de Tournier.⁶

O terceiro capítulo fala sobre os infantis. O infantil em questão não é o produto de uma infância, embora possua características normalmente atribuídas às crianças. Trata-se de um infantil correlato à criança de Zaratustra; terceira idade do homem, ultrapassadas as idades do camelo e do leão. Um infantil sem corpo e sem forma, um devir-infantil. Considera-se o devir-infantil como primeiro e último, perpassando, portanto, o devir-animal e o devir-mulher, em direção ao devir-imperceptível, a imanência de uma vida⁷; o *homo tantum*⁸.

O devir-infantil, força imanente, impessoal, incontrollável, animada pelo sopro dos elementos, é como se fosse a alma do pós-curriculo, aquilo que o impulsiona, o impele a seguir fluxos que abalam, desterritorializam, fazem tremer as estruturas curriculares.

⁵ Palavra criada por Duns Scott a partir de haec, "esta coisa". Por vezes, ocorre a grafia *ecceidade*, que remete a *ecce*: eis aqui, o que sugere "um modo de individuação que não se confunde precisamente com o de uma coisa ou sujeito". Cf. Deleuze, 1997c, p.47, nota de rodapé.

⁶ TOURNIER, 1985.

⁷ DELEUZE, 2002b, p. 10.

⁸ SCHÉRER, 2000, p.21-38.

Considera-se que todo infantil é nômade por natureza, o que faz com que se dedique o quarto capítulo aos nômades, criaturas errantes, que circulam por todas as direções da terra. Que espaços habitam, como se deslocam, o que são suas máquinas de guerra? Extraem-se, do Tratado de Nomadologia⁹, traços dos povos nômades, ilustrando-os com alguns personagens: os Fremen¹⁰ do planeta Arrakis, e um andarilho que ama os ventos.

Por fim, um quase capítulo busca arrematar tramas, enlaçar linhas, amarrar alguns nós. Nele, retoma-se a pergunta central do trabalho: O que pode o devir-infantil do pós-curriculo?; e busca-se sintetizar as relações que ela estabelece com os conceitos trabalhados nos capítulos, dando ênfase aos verbos no infinitivo que os exprimem: minorar, infantilizar, nomadizar, rir.

⁹ DELEUZE, GUATTARI, 1997d, p. 11-110.

¹⁰ HERBERT, 1984.

POTÊNCIAS DO ÍNFIMO

É no ínfimo que eu vejo a exuberância¹¹

O que é pequeno, aparentemente sem importância, pode possuir um brilho especial, uma luminosidade sombria que nem todo mundo percebe. As coisas pequenas são percebidas quando se desvia a atenção das coisas aparentemente grandes e importantes. Elas não são pequenas pelo seu tamanho, mas pela posição que ocupam, de categorias secundárias, supérfluas, de nível inferior. Por serem subalternas, elas apontam caminhos alternativos, que se multiplicam, criando ramificações e n possibilidades. Elas fazem rizoma.

Coisas às quais se atribui pouca ou nenhuma importância, e se deixam perder na poeira, como folhas que o vento leva. Os pequenos acontecimentos podem se tornar enormes, conforme a perspectiva de onde se vê, conforme a intensidade que desprendem ou as forças que emanam e atraem.

Os acontecimentos menores ignoram ou afrontam as palavras de ordem; são livres para diferir, discordar, multiplicar saídas.

A minoridade concerne tanto aos devires quanto aos espaços lisos, ao pós-currículo, às máquinas de guerra nômades. Minoridade não se refere a tamanho nem a quantidade, mas a tudo que não corresponde a um modelo majoritário e dominante. Menor é o que se

¹¹ BARROS, 2004, p. 55.

desvia dos modelos, e foge às leis, às regras, aos códigos homogeneizantes.

A minoridade, “se, por um lado, coloca-se como condição de inferioridade, por outro, mostra-se como potência, criação, algo que beira o impossível, que se constitui como algo que está em vias de se fazer”.¹²

O conceito de minoridade, desenvolvido pela Filosofia da diferença, diz respeito inicialmente à literatura e à linguagem. No entanto, pode-se pensá-la para além da literatura, para além da linguagem. É o que se ousa fazer neste trabalho, associando minoridade aos devires-infantis do pós-curriculo.

Uma das características da minoridade é o polilingüismo¹³, a linguagem dentro da linguagem, vozes dentro de vozes. Uma criança brinca, sozinha, com seus bonecos. Ela conversa com eles, e lhes empresta vozes para que conversem entre si. São várias vozes, com entonações distintas, conforme os personagens. Produz-se uma cantilena ritmicamente variada. Algumas vozes são trocadas, durante a brincadeira, outras silenciam. Não há o que interpretar, nessa situação, pois não há forma, apenas movimento, apenas experimentação.

¹²HILLESHEIM, 2006, p. 26

¹³DELEUZE, GUATTARI, 1977, p.41/42

Assim como ocorre às vezes, pode-se encontrar, nas praças, outras praças, e nas cidades, outras cidades.

Quem vai a Olinda com uma lente de aumento e procura com atenção pode encontrar em algum lugar um ponto não maior do que a cabeça de um alfinete que um pouco ampliado mostra em seu interior telhados antenas clarabóias jardins tanques, faixas através das ruas, quiosques nas praças, pistas para as corridas de cavalos. Aquele ponto não permanece imóvel: depois de um ano, já está grande como um limão; depois, como um cogumelo; depois, como um prato de sopa. E eis que se torna uma cidade de tamanho natural, contida na primeira cidade: uma nova cidade que abre espaço em meio à primeira cidade e a impele para fora.¹⁴

A linguagem menor, inserida em um discurso maior, por vezes se impõe, a ponto de fazer o primeiro desmoronar, ou se esvaziar. De dentro de um discurso emergem outros discursos, outras tantas vozes. Algumas são mudas, o que não impede sua eloquência. O silêncio fala todas as línguas, e o canto silencioso de Josefina¹⁵ é poderoso pela capacidade de atrair e encantar os seus semelhantes, conferindo-lhes uma consciência grupal, de bando, de matilha. Ela é o anômalo, a força que aglutina e dispersa.

Minorar-se consiste em encontrar seu próprio ponto de desterritorialização, em empreender sua própria fuga em intensidade. As vozes menores propiciam gagueiras, tropeços, redundâncias, repetições, até o esgotamento do sentido, até o limite do silêncio.

¹⁴ CALVINO, 1990.

¹⁵ KAFKA, 1998, p. 37-60.

Uma das possíveis entradas em um texto é através das pausas, dos silêncios, daquilo que não é dito. Ali, no lugar onde as vozes se calam, ou são abafadas, circulam potências que não se podem aprisionar, que pulsam intensamente, que dizem mais do que diriam, se falassem.

Há silêncios que remetem a pausas, paradas para retomar fôlego, para ordenar os pensamentos. Há silêncios que correspondem ao esgotamento, ao instante em que tudo já foi dito, e um vazio nos habita. Outros, ainda, ocorrem porque o que se passa é da ordem do indizível, do inalcançável, de forças imensas que nos tomam e nos desterritorializam. Como um encontro que abala, que surpreende, que tira o chão.

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

*Me ajuda a olhar!*¹⁶

Numa filosofia menor pode-se eleger as pausas como pontos de entrada e saídas nos discursos, à caça dos não-sentidos do sentido, encontráveis também nas vozes que gaguejam, tartamudeiam, fazem fugir. A opção por uma filosofia menor não se faz em busca de

¹⁶ GALEANO, 1991, p.15.

liberdade, mas em busca de saídas. Não se trata, no entanto, de qualquer saída: é preciso esperar, munir-se de cautela e muita preparação. É preciso concentração e treino para perceber qual a porta e o momento certo de abri-la. Busca-se, nessa saída, a oportunidade de erguer a cabeça, de espichar as pernas e exercitar outros passos, inscrever-se em um outro mapa. É preciso ter coragem para aventurar-se, lançando-se às águas turbulentas da Filosofia da diferença.

É preciso farejar os sinais que indicam o momento certo de passar por uma porta, sem correr o risco de que ela se feche diante de nós, devolvendo-nos ao lugar de onde saímos, com menos chances do que tínhamos. Por outro lado, ao nos conceder passagem, ela pode lançar-nos a um abismo, uma linha de fuga absoluta e irreversível.

Há momentos em que tudo se embaralha, os caminhos se misturam, vozes se contaminam, e só se pode observar e esperar, tal como o tigre, que, cauteloso, aguarda o momento certo de saltar, durante uma tempestade. Agachado, silencioso e atento, ele espera a tempestade passar, para dar seu salto certo, preciso, em direção à sua presa. Enquanto espera, acumula energia para o salto, e nisso consiste o segredo de seu equilíbrio¹⁷.

É de bom grado proceder como o tigre, esperando o momento certo de saltar, e enquanto isso, farejar as portas, para descobrir aquela cuja passagem não nos destruirá, mas acrescentará potência.

¹⁷ Cf. CAVALCANTI, 1989.

A Filosofia da diferença é uma filosofia menor, que enxerta atalhos, túneis, pontes, caminhos menores dentro dos caminhos já traçados. Faz fugir a linguagem a partir da própria linguagem, embaralhando o pensamento. Produz buracos, falhas, opera cortes nos sistemas. Extermina as interpretações sobre os sentidos do que se enuncia, e dá lugar às experimentações.

Afinal, o que importa é o que ocorre nos trajetos, no balançar das carroças, no dorso dos vermes da areia. O que acontece nos trajetos determina as paradas e os pontos de aglomeração e de dispersão.

As coisas pequenas, quando vistas à distância, parecem iguais, mas ao vê-las de perto, percebe-se que, por mais idênticas que pareçam, elas diferem, repetindo-se. O que difere é o mesmo, que, ao invés de reproduzir caminhos, segue fluxos: inesperados, inapreensíveis.

Uma filosofia menor faz rizoma, havendo, portanto, muitas entradas e muitas saídas em um dado agenciamento. Uma linguagem menor faz fugir os significantes e os significados; as palavras transformam-se em uivos, latidos, risadas, borboletas que esvoaçam, punhais, flores e pássaros. Os sons que comunicam já não falam a respeito de algo, mas tornam-se esse algo, vibrando com intensidade, dizendo o não-sentido do som. "A linguagem deixa de ser representativa para tender para seus extremos ou seus limites."¹⁸

¹⁸ DELEUZE, GUATTARI, 1977, p. 36

E nos limiares, além dos limites, ocorrem transformações, uma força dá lugar à outra; alternam-se os movimentos e a direção dos fluxos. Nos limiares, a linguagem se dobra sobre si.

Na Filosofia da diferença, o pensamento faz rizoma, isto é, cresce e propaga-se em múltiplas direções, como a grama; sem privilegiar uma das direções, sem eleger verdades. A propagação por rizomas faz dela uma filosofia menor. Nesse pensamento, não há um centro; as ramificações se aproximam e se afastam entre si, conectam-se e desconectam-se umas às outras e estabelecem relações com o fora, formando idéias dentro de idéias.

A princípio, não se percebem as conexões, os fluxos, os cortes, os atravessamentos. À medida que nos embrenhamos nela, os agenciamentos vão formando conceitos, que tomam corpo, saltando como molas. Sentidos outros, por vezes, inusitados, se atribuem ao que antes não era perceptível, ou se percebia como unidade totalizadora. Desmoronam as unidades, as totalidades, as absolutizações.

Quem percorre os caminhos da Filosofia da diferença torna-se nômade no pensamento; andarilho cujo pensar já não encontra lugar fixo e território seguro. Perdido ou banido de seus territórios, permanece ligado à terra, plano de imanência absoluto. Os ritmos se alteram, e os problemas correm a velocidades díspares, ora acelerando, ora atrasando o pensar.

Dada a imprevisibilidade dessa filosofia menor, não se sabe com que irão se compor, as idéias e os conceitos, e o que se configurará no horizonte-plano. Sabe-se, no entanto, que ela pode fraturar a ordem e bloquear a direção única do pensamento, fazendo “deslizar, tais como os grãos de areia, quaisquer tentativas de compreensão, de totalização, de algum ‘insight’ que aponte um sentido único, mágico, restaurador, de uma suposta ordem originária.”¹⁹

Na filosofia, como na literatura menor, tudo é político. É política, portanto, a opção por um pós-curriculo minoritário, que desvia e desterritorializa o currículo. O individual pode transformar-se em coletivo, agenciamento coletivo de enunciação. Não há sentidos a comunicar, e se implodem as palavras de ordem. Os sentidos são atribuídos pelos afectos em questão, pelas atualizações, pela experimentação. Trata-se de compartilhamento, de contaminação. Num pós-curriculo, não se priorizam os indivíduos, mas as matilhas, que devêm por contágio, que seguem fluxos de desterritorialização e reterritorialização. Há bandos e anômalos.

A Filosofia da diferença é criada por e para portadores de *má-vontade*. Entenda-se por má vontade uma vontade que discorda, que não aceita ser representada, que fala ou cala em seu próprio nome, que segue descontinuidades, que não se rende a verdades pretensamente verdadeiras e únicas.

¹⁹ HILLESHEIM, 2006, p.32

Trata-se de uma filosofia na qual os sentidos são produzidos, nunca descobertos, pois não se acredita em um princípio, em nenhum ponto inicial de onde eles derivariam. Privilegiam-se os problemas, em detrimento das soluções e das generalizações, pois eles imprimem mudanças ao pensar. "É por isso que se deve falar de uma produção de sentido em oposição à idéia de uma origem do sentido, pois a produção comporta um caráter indeterminado, que terá por estatuto o 'problemático', e não o idêntico."²⁰

O estabelecido e o mutante

Um pós-curriculo se origina em um currículo, ser de linguagem, que assujeita alunos e professores, que submete todos à sua vontade, que determina, decide, impõe, seleciona, prescreve, cobra, induz, avalia comportamentos.

O currículo escolar é feito para enunciar verdades, impor palavras de ordem, capturar diferenças. Compõe-se de linhas predominantemente duras, molares, e traça planos de composição, de desenvolvimento.

Para definir um currículo, deve-se levar em consideração, no mínimo quatro questões: "a questão do conhecimento e da verdade, a questão do sujeito e da subjetividade; a questão do poder; a questão dos valores".²¹

²⁰ SILVA, 2004, p.244.

²¹ TADEU, 2003, p. 37

Um currículo encarrega-se de selecionar os conhecimentos que serão transmitidos, supondo-os como verdadeiros. Mas não existem verdades absolutas, indiscutíveis, neutras. Toda verdade é produzida por um determinado conjunto de forças que atuam sobre a realidade, interpretando-a. E a realidade, em si, não existe, é pura ficção, depende da perspectiva pela qual se olha. Ela é múltipla, parcial e referente a uma determinada perspectiva. O conhecimento, para simplificar as coisas, para apreender a realidade, uniformiza as diferenças, buscando reduzi-las à igualdade, homogeneizando-as.

Um currículo se constitui na intenção de formar um determinado tipo de sujeito. Acredita-se, no entanto, que o sujeito é uma ficção, criada pela Metafísica, pela filosofia da representação. Esse núcleo que se denomina sujeito, esse elemento unitário, fixo, estável, que sustentaria uma identidade, o *eu*, só existe para o cumprimento de uma função: oferecer um ponto ilusório de permanência e unidade. Trata-se de um mal necessário, ilusão criada para garantir a mínima segurança de que as forças do caos não nos destruirão, não nos deixarão à deriva.

Afirma-se a multiplicidade desse sujeito; sua discrepância e não coincidência do *eu* consigo mesmo, pois o que há é permanente mudança e variedade.

A questão dos valores do currículo remete à genealogia nietzschiana: que valores são esses, que o currículo considera bons? Que moral é essa, que os elegeu? Qual a história desses valores? A

partir de quais critérios são considerados bons, quem os definiu como tal, em detrimento de quais outros valores eles se impuseram? O moralismo não faz essas perguntas. Ao contrário, impõe, sem chance de questionamento, os valores que acredita serem essencialmente bons e indiscutivelmente corretos.

Prefere-se, portanto, o imoralismo genealógico²², que se recusa a aceitar valores impostos como bons e adequados; preferindo relativizar sua importância, abrindo caminho para a criação de novos valores, ou a transformação dos antigos. Afinal, a submissão cega ao que é imposto como verdade paralisa, ao passo que a insubmissão gera movimento, e até, quem sabe, dança.

Por fim, considera-se a vontade de poder, relacionada às forças que atuam no currículo. O que elas promovem, quais vontades se impõem em um determinado perfil curricular? As forças agem uma sobre a outra, fazendo a balança pender ora para um, ora para outro lado. Necessita-se, então, discernir, e interpretar, em cada situação, quais forças são atuantes, qual vontade se impõe por meio delas, qual é a vencedora e qual a vencida.

A par dessas questões, fica mais fácil compreender um currículo, descobrir a que ele se empenha e decidir se estamos ou não de acordo com seus desígnios.

²² TADEU, 2003, p. 35-57.

O currículo captura, codifica e sobrecodifica, e se constitui como um dispositivo de poder-saber-verdade. Como ser lingüageiro que é, ele enuncia palavras de ordem, comanda, “ensigna”²³. Ele se empenha em formar sujeitos de um determinado tipo, apto a desempenhar determinadas tarefas, em detrimento de outras.

Se um currículo *tem vontade de sujeito*²⁴, então, que vontades tem um pós-curriculo? O que ele quer?

Um pós-curriculo quer o desigual, o anômalo, o que não se constituirá, jamais, em sujeito, pois é da ordem dos devires. Um pós-curriculo não se estabelecerá em nenhum referencial teórico, filosófico ou metodológico, pois sua natureza é nômade. Um pós-curriculo não se afirmará como modelo ou verdade, pois é minoritário.

Critica-se o currículo por formular perguntas cujas respostas já estão preparadas, como cartas na manga; perguntas absolutamente desnecessárias, pois não se constituem em verdadeiros problemas. Um currículo que se empenha em formar sujeitos tranquilos, acomodados, assentados, que respondam homogeneamente aos modos ensinados e às perguntas formuladas; um currículo que se constitui como unidade histórica idêntica a si mesmo.

Como seu avesso, um pós-curriculo pretende propor problemas cujas respostas não estejam dadas, mas necessitem ser inventadas. Ele

²³ DELEUZE, GUATTARI, 1997b, p.11.

²⁴ CORAZZA, 2001, p. 15.

se dirige a singularidades múltiplas e inquietas, inquiridoras, contraditórias, perturbadoras.

A história não é linear, e os períodos históricos não se sucedem, como em uma fila indiana. Embora se possa afirmar que vivemos, hoje, em educação, o “Desafio da diferença pura,”²⁵ outros períodos coexistem, e estão presentes nas escolas, no pensamento educacional, no currículo.

No tempo da “Neutralidade iluminada”,²⁶ os modelos a ser seguidos eram Deus e, posteriormente, a Ciência. Acreditava-se, então, que as verdades divinas e científicas eram indiscutíveis, e os educadores não tinham outro papel senão transmiti-las aos educandos, com o máximo de precisão e fidelidade. Eles se encarregavam de apresentar o modelo a ser seguido, e garantir que todos compreendessem bem e estivessem convencidos de que aquele era o único caminho certo, o melhor de todos.

Em seguida, veio o tempo da “Suspeita absoluta”, no qual todos começaram a duvidar de tudo, e a questionar toda verdade e toda autoridade, achando que haveria alguma verdade oculta por trás de cada uma. Descobriu-se que não havia neutralidade no currículo, na Educação, e que ela servia, enfim, a interesses políticos. Isso gerou, naturalmente, críticas e rechaço ao antigo modelo, em proveito de outro, que privilegiava as classes populares e os seus saberes.

²⁵ CORAZZA, 2005, p. 13

²⁶ CORAZZA, 2005, p. 13.

E então, chega-se ao tempo atual, o da “Diferença pura” no qual se questionam as homogeneidades, as uniformidades, a mesmice. Sabe-se que a existência é plural, e as diferenças, intrínsecas a todos. É nesse tempo que nasce o pós-curriculo.

Ele convive, no entanto, com todos os outros. Eles estão presentes em maior ou menor grau, são as forças que disputam espaço nas escolas, nos currículos.

Um pós-curriculo surge de um paradoxo, pois, ao mesmo tempo que se opõe a um curriculo estabelecido, majoritário, origina-se dele, e, enquanto se constitui, reconstitui velhos currículos, abrindo muitas portas, fazendo rizoma. Ele se nutre do curriculo, que nele se fortalece, como o espaço liso deriva do estriado, e vice-versa.

O que está do lado de fora, o inimigo, o gênio diabólico que assalta o curriculo, força, por coação, o abandono de antigas fórmulas, e a invenção de novas. Um pós-curriculo é um processo, um mapa em movimento, um fluxo, potência aquática que devasta pseudo-verdades, valores empoeirados, antigas fórmulas de saber-poder.

Um pós-curriculo provoca cisão, dúvida, divisão, dissenso. Nasce do curriculo e o atrapalha, inventando modos que o fazem tropeçar, parar, cair, voltar atrás, rever seus planos, refazer estratégias.

Um diabo de pós-curriculum é um curriculum Vagamundo²⁷, errante, nômade, mutante, que inventa seus trajetos, e apaga as pegadas que deixa após sua passagem. Ele procede dessa forma para impedir que o sigam, pois necessita ser reinventado, a cada vez. Ele prefere não deixar marcas, manifestando, assim, sua natureza nômade, seguindo a sabedoria de quem caminha, há milênios, sobre a terra, quase imperceptivelmente.

(...) o nosso povo ensina aos seus filhos que, quando passarem; passem suavemente sobre a terra, como um pássaro que faz um vôo no céu e não deixa rastro.²⁸

Um pós-curriculum é nietzschiano e perspectivista. Sabe, portanto, que o conhecimento selecionado pelo curriculum é uma dentre muitas versões da verdade, e por isso, não o reverencia, mas dele duvida, indaga, questiona, e diante dele, assume a postura de investigador. Um pós-curriculum tem olhos abertos para outros conhecimentos, que ficaram fora da seleção empreendida pelo moralismo curricular. Um pós-curriculum é indisciplinado, louco, problemático, intuitivo, embaralhado, bandoleiro, dançarino.

Um pós-curriculum não se leva a sério, pois não há uma identidade para ser levada a sério, uma vez que ele está em permanente processo de desterritorialização e reterritorialização, sempre desfazendo-se, desconstruindo-se.

²⁷ CORAZZA, 2003, p.19-34.

²⁸ KRENAK, 1992, p. 44.

O devir-infantil do pós-curriculo dança, brinca, alegra-se, experimenta. Ele pode promover atitudes indisciplinadas, que, embora não agradem aos professores, não são punidas. A indisciplina é apenas um sintoma de que as coisas não vão bem, que a chatice impera, que as potências estão diminuídas. Aos olhos de um pós-curriculo, a indisciplina é um alerta, e pode servir como impulso à invenção de novas formas de organizar os corpos, os saberes, os espaços escolares. Privilegia a alegria, privilegia o riso.

A graça do absurdo precisa fazer parte do pós-curriculo, que não se julga demasiado sério, que não se atribui nenhuma importância, ou se atribui a mesma importância de um sapato apertado, uma roupa amassada, uma barriga esfomeada, uma vontade incontrolável de rir da cara feia do professor. Não se acredita que a escola deva ser séria, ainda que os conhecimentos que ela transmite estejam revestidos de grande importância. O bom humor é necessário até às indiscutíveis verdades.

E então, o que mais pode um pós-curriculo, movido por devires-infantis, carregado de partículas nômades? A princípio, não se sabe o que pode um corpo, até que ele se relacione com outros corpos, formando determinados agenciamentos, que resultam em bons ou maus afectos, isto é, que acrescentam ou reduzem potências. O que está ao alcance é supor o que pode acontecer, a partir da perspectiva única, singular, desenvolvida por este trabalho, cuja intenção é a de cutucar, instigar, provocar os que trabalham com educação a pensar num pós-curriculo, a inventar outras saídas.

Para saber do que um pós-curriculum é capaz, necessita-se experimentar.

Ele nasce das coisas ínfimas, quase invisíveis, e se imiscui nos espaços escolares por meio de ações sem significado: uma tosse, um meneio de cabeça, um olhar que mira a rua, um suspiro, um espreguiçar-se. . .

Como uma criança que desconcerta um adulto com perguntas impertinentes, ele fabrica situações estrambólicas, ilógicas, desarrazoadas, e nisso reside sua força.

A singularidade da sua voz consiste no fato de que ela fala, por uma só boca, as vozes de mil gargantas, e ainda muitos silêncios.

Embora o chame de pós-curriculum, ele não surge depois do curriculum. Não o sucede, mas convive com ele, disputando espaços. Talvez fizesse sentido, então, chamá-lo por outro nome: curriculum nômade, curriculum metamórfico, curriculum borboleta? Afinal, como a borboleta, ele é fruto de uma mudança, em que a forma antiga não desapareceu, apenas metamorfoseou-se. Além disso, o inseto colorido executa vôos dançarinos, leves, graciosos, como se pretende que faça um pós-curriculum. E sua vida é breve, como um pós-curriculum, que não tem tempo para se estabelecer.

No entanto, embora possa parecer pouco adequado, este trabalho se referirá a ele como pós-curriculum, pois não se pretende, neste

momento, renomear aquilo que se considera inominável: um não-ser de linguagem, uma presença fugaz, puro efeito de forças incontroláveis, alegres, irreverentes, assustadoras, por vezes, vorazes, mutantes, que operam nos currículos, é disso que se trata.

PARTÍCULAS EM MOVIMENTO

Naquele tempo de dantes não havia limites para ser.
Se a gente encostava em ser ave ganhava o poder de alçar.
Se a gente falasse a partir de um córrego a gente pegava murmúrios.²⁹

Pegar murmúrios, falar como água, deslizar na correnteza da linguagem, calar as palavras de ordem, desmoronar as margens da língua; minorá-la. Pegar murmúrios, correr sobre um leito de areia e pedras, corpo líquido povoado por uma miríade de seres: peixes, fungos, plantas, anfíbios, caracóis. . .

Pegar murmúrios, devir-córrego. Como funciona, o acoplamento a um córrego, a um animal, a uma molécula? Se existe magia no devir, não é a das varinhas de condão, poções ou feitiços que metamorfoseiam corpos. A magia presente é a de pequenas, indefiníveis e etéreas partículas, que emanam dos corpos; a névoa que os encobre, o *aliquid* dos estóicos³⁰, os afectos. Movimentam-se aleatoriamente, como pequenos grãos de poeira e de areia do deserto, que escorrega e se atrita ininterruptamente.

Devires acontecem por contágio, por expansão. Devires são anônimos, e não possuem qualquer relação com a vontade consciente e o querer determinado.

²⁹ BARROS, 1998, p. 77.

³⁰ DELEUZE, 2000, p.8.

Num devir, identidades se dissolvem, há um transbordamento do eu em direção a algo que não lhe pertence, que não possui identidade. Devires ocorrem momentaneamente, intensamente. Forças, fluxos, migração de partículas intensivas, de afectos; efeitos de superfície. Ausência de sujeito e objeto, movimento sem fim nem começo. Atemporal, a-histórico, descentralizado. O que ocorre nas bordas, nos limiares, de modo involuntário e imprevisível. Não se provocam devires. Um devir acontece.

Não se trata de parecer algo, imitar ou identificar-se com. Existe, por certo, uma identificação com o que se devém, mas isso não é suficiente para formar um conjunto de sensações, um bloco. Partículas invisíveis, imperceptíveis de um corpo acasalam com partículas de outro, contraindo *núpcias contra natureza*.

Devires ocorrem involuntariamente, e não são muito freqüentes. É preciso estar suficientemente distraído³¹ para que ocorra um devir, para se deixar levar por seus fluxos. O tempo do devir é o instante grávido de si, e simultaneamente posterior a si; tempo do *Aion*.

Todo devir é uma relação entre heterogêneos, uma simbiose, um deslocamento de partículas que se retardam ou aceleram, provocando mudanças; questão de repouso e movimento, velocidades e lentidões (longitude), e emanção de afectos (latitude). O traçado, o mapa de um devir se faz por linhas, "latitude e

³¹ COSTA, 2006, p. 22.

longitude são os dois elementos de uma cartografia.”³² Num devir não há pontos, pois ele é um deslocamento, um deslizar entre linhas. Ocorre no meio, entre os pontos, nesse espaço a um só tempo finito e ilimitado.

Um devir não é uma equação com propriedades comutativas, ou seja: um homem devém vento não para que o vento devesse homem, pois não se sabe o que o vento devém. Trata-se, antes, de uma equação aberta, incompleta, de um bloco de variáveis inexatas.

Um devir-infantil, portanto, não se origina em lembranças de infância, mas antes num *bloco de infância*, um aglomerado de imagens e sensações que remetem a forças e fluxos infantis. Devires são forças impessoais, como os ventos. E atemporais, obedecendo a *Aion*, um tempo que não se pode contar, que se constitui da substância da vida, de sua única certeza; a efemeridade.

Os blocos produzem uma “ressonância de sensações e estados de espírito afins: eles revolvem a memória, por assim dizer. Algo em nós se recorda e torna-se consciente de estados semelhantes e da sua origem.”³³ Por isso, os blocos de sensações não podem ser considerados simples lembranças. Algumas vezes, nem chegamos a ter clareza acerca do que nos surge como familiar: um perfume, uma tonalidade de luz ou sombra, o trecho de uma canção, a visão de um

³² DELEUZE, GUATTARI, 1997c, p. 47

³³ NIETZSCHE, 2000, p.24.

lugar familiar, que acaba por produzir efeitos inesperados, provocando devires.

Ao contrário do que se poderia pensar, o devir não é um valeduto, isto é, não se pode devir qualquer coisa. Segundo Deleuze e Guattari, há os devires-animais, e *aquém deles, encontramos devires-mulher, devires-criança... Para além deles, ainda, encontramos devires-elementares, celulares, moleculares, e até devires-imperceptíveis*.³⁴ Qualquer que seja o devir, no entanto, ele será, sempre, minoritário e molecular, pois a mulher, a criança e o animal são menores em relação ao homem. É por isso que não se fala de um devir-homem, pois a forma homem é majoritária.

Animais que nos habitam

Gatos e cães, porcos, ursos e águias, centauros, faunos e dragões, animais e bestas de toda espécie habitam a linguagem e o imaginário. Mas não somente o imaginário, pois os devires-animais são reais, e ocorrem de muitas maneiras.

E de todos os devires, aquele que, certamente, mais perturba, é o devir-animal, especialmente no campo educacional. Afinal, o animal é puro instinto, selvageria, impulso movido por necessidades biológicas, fisiológicas. E a "Educação foi constituída para civilizar,

³⁴ DELEUZE, GUATTARI, 1997c. p.32

fazer do homem um cidadão, diferenciá-lo do bárbaro, selvagem e animal." ³⁵

Apesar disso, os devires-animais não pedem licença para manifestar-se, impõem-se com a força dos bandos selvagens, como ocorreu aos meninos que uivaram e latiram durante a execução do Hino Nacional, numa cerimônia cívica escolar.³⁶ Devires-animais ocorrem por contágio de matilhas, isto é, uma vez que algum indivíduo entre em devir-animal, ele arrasta consigo os elementos do bando do qual faz parte.

O pós-curriculo não quer civilizar, quer, ao contrário, animalizar, barbarizar. Quer, como um polvo, lançar tentáculos em muitas direções, para agarrar suas presas, contagiando-as pela alegria, pelo riso, pela inconstância.

A realidade dos devires-animais não se encontra nos animais aos quais nos relacionamos, mas numa potência que nos invade e arrasta para uma zona de vizinhança com os animais em questão, um bloco, "uma *indiscernibilidade*, que extrai do animal algo de comum, muito mais do que qualquer domesticação, qualquer utilização, qualquer imitação." ³⁷

³⁵ GOMES, 2002, p. 60

³⁵ GOMES, 2002, p. 60.

³⁵ DELEUZE, GUATTARI, 1997c, p. 72

A literatura é pródiga em exemplos de devir-animal, e um personagem rico nesse sentido é Sexta-feira, que, dentre outros passatempos, divertia-se com os bodes.

Sexta-feira transformava em brincadeira o desafio aos bodes que surpreendia isolados. Forçava-os a deitarem-se, agarrando-os pelos chifres, ou então apanhava-os na corrida e, para os marcar com a sua vitória, atava-lhes um colar de cipó à roda do pescoço.³⁸

Até que ele encontra o bode anômalo, um adversário à sua altura, um oponente que o incita, que o desafia.

Um dia, no entanto, encontrou uma espécie de bode selvagem, grande como um urso, que o atirou, rolando, para os rochedos só com uma pancada dos enormes e nodosos chifres, erguidos como duas longas chamas negras na sua cabeça. Sexta-feira teve de ficar três dias imóvel na rede, mas falava constantemente em voltar a encontrar o animal que havia batizado de *Andoar* e que parecia inspirar-lhe uma admiração misturada de ternura.³⁹

Essa atração pelo bode não termina aí. Sexta-feira o procura até encontrá-lo, para enfrentá-lo em um jogo perigoso, um duelo de vida ou morte, que culmina com a queda de ambos, precipício abaixo. Foi o fim de *Andoar*. Robinson, que, à distância de duas milhas, assistira ao duelo, com seu binóculo, saiu à procura dos adversários, até que encontrou o bode morto, depois de uma difícil escalada.

O crepúsculo caía quando descobriu o cadáver de *Andoar* no meio dos pequenos silvados de lódão que

³⁸ TOURNIER, 1985, p.173.

³⁹ TOURNIER, 1985, p. 173.

cresciam entre as pedras. Inclinou-se para o grande corpo desconjuntado e logo reconheceu a coleira de cor, solidamente enrolada no pescoço. Voltou-se, ouvindo rir atrás de si. Lá estava Sexta-feira, de pé, coberto de arranhões, o braço imobilizado mas, não obstante, indene.

- Morreu, protegendo-me com a pelagem - disse. - O grande bode está morto, mas em breve o farei voar e cantar.⁴⁰

Vitorioso, o guerreiro Sexta-feira depôs sua marca sobre o corpo do bode, a coleira ao redor do pescoço, da mesma forma que caçadores de inúmeras tribos exibem, em colares, vestimentas, cabaças e outros artefatos; os dentes, ossos, crânio, a pele dos animais vencidos. Todo indivíduo carrega em si mesmo uma multiplicidade, e alia-se a um indivíduo excepcional, que se sobressai, que exerce um lugar de destaque: o anômalo.

Embora os homens, algumas vezes conjurem, como se fossem demônios, os animais que o habitam, ocorre também de admirá-los, quando se manifestam em brincadeiras de crianças, em formas de expressão artística, em demonstrações de força por parte de lutadores, guerreiros, conquistadores.

Multiplicidades de multiplicidades, devires-bode, devires-lobo: cada indivíduo agindo por si e, ao mesmo tempo, em comunhão com o bando. De frente para o círculo, de costas para o mundo, para o fora, selvagem, ameaçador.⁴¹

⁴⁰ IDEM, p. 177

⁴¹ DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 45

Agonizar

No depósito de um armazém, aquele que ama os ventos teve oportunidade, certa vez, de presenciar um rato que consumira veneno e agonizava. Ele ficou a um só tempo enojado e fascinado por aquele espetáculo: o animal se contorcia e soltava guinchos estridentes, como se fosse uma frenética dança. Assim que saiu dali, foi até a pracinha, onde uma garotada jogava futebol.

No intervalo do jogo, exibiu-se aos amigos, dramatizando a agonia do rato. Sentiu-se dotado de tamanha energia ao fazer as vezes do rato que morria, que era como se fosse, ele próprio, o rato. E os que o assistiam não puderam compreender, a princípio, o que lhe acontecia, pois ele era mudo de nascença. Julgaram que estivesse passando mal, sofrendo de convulsões, por isso cercaram-no, curiosos. A pantomima encerrou quando ele atirou-se ao chão, duro como se estivesse morto; e em seguida, diante dos olhares atônitos, levantou-se, devagar, retomando sua forma-homem, e abrindo-se numa sonora gargalhada.

Limiars

A partir de que instante se produzem os devires? Não se pode precisar quando principia o acontecimento; quando as forças centrífuga e centrípeta coincidem, e se experimenta um instante em que tudo pode ocorrer, no qual todas as possibilidades se inserem? O tempo parece congelar-se, o espaço expandir-se. . . Pode-se ir do avesso ao direito, e vice-versa, constituindo um nó, em que o

improvável acontece. E o improvável é o espaço liso⁴², o anel de Moebius⁴³, as escadarias e planos de Escher,⁴⁴ nas quais se anda de cabeça para baixo, desafiando a lei da gravidade.

Mas o instante do acontecimento, o tempo do devir, é um indefinido, um limiar. Força que migra entre o sim e o não, a coragem e o medo, o claro e o escuro, a vida e a morte, o alto e o baixo, o forte e o fraco, o grande e o pequeno, o bom e o mau. Poder-se-ia prosseguir indefinidamente, falando de forças que se opõem e complementam. Nos extremos, há um deslizar na direção oposta, um transformar-se. No miolo do não, já se articula um germe do sim, e vice-versa. Uma força já se faz presente na força que lhe é contrária.

Dois opostos, visto que são apenas opostos, são ainda demasiadamente próximos um do outro; a contradição não representa uma separação decisiva: dois inimigos já estão engajados numa relação de unidade, enquanto que a diferença entre o desconhecido e o familiar é infinita. ⁴⁵

Inverno-primavera

Um sabiá canta num galho da caneleira. É uma tarde gelada de inverno, a temperatura está próxima a zero grau. Ele não deveria cantar somente na primavera? Será, então, que a primavera já está começando, no auge do inverno? Não é, ainda, nada que se compare à melodia que o sabiá entoará na primavera; trata-se, antes,

⁴² DELEUZE, GUATTARI, 1997d, p.179-214.

⁴³ DELEUZE, 2000, p.128.

⁴⁴ Relatividade, quadro do pintor Escher. Consulta feita em 15/02/2007 ao site <http://britton.disted.camosun.bc.ca/escher/relativity.jpg>

⁴⁵ BLANCHOT, 2001. página 36

de um breve ensaio, duas ou três notas formando pequenas séries que vão se aprimorar, compondo melodias completas, que serão executadas nas principais horas do dia; ao alvorecer e ao entardecer. Em outros momentos do dia, fragmentos da melodia serão entoados, inúmeras vezes, provavelmente com finalidades diversas: anunciar a outros machos que tal território lhe pertence, cortejar alguma fêmea, detonar um alarme quando algum perigo se aproxima...

O pássaro aquece sua voz canora, ensaia o número musical para a estação que principia, no âmago do inverno. Será que os primeiros trinados do sabiá anunciam o nascer da primavera, ou a primavera responde aos trinados do sabiá, começando a preparar-se, então? Qual evento prenuncia o outro? Do auge do inverno para o evento primaveril, do centro para as bordas. Bordas, limiares, regiões onde algo ainda não sucedeu, mas logo sucederá. Regiões onde tudo se encontra em suspenso; em que acontecimentos virtuais ainda não se atualizaram, mas estão a caminho de. Vão entre portais, momento único em que o tempo se perde, se retrai, paralisa.

Esse momento, em que uma coisa está para tornar-se outra é mágico, potente, e por vezes aterrador, pois ali identidades desmoronam, a forma se desfaz, fazendo surgir algo que não se sabe, que ainda não se pode discernir, mas que carrega potências positivas, que pulsam e se territorializam provisoriamente em algum devir.

Não é possível delimitar um instante preciso para o início da primavera. No primeiro trinado do sabiá? Quando a caneleira lança o

primeiro broto de flor? Quando os ventos, ventando, carregam sementes? O devir relaciona-se à passagem de um estado a outro, na direção de algo que já não é estado algum, mas dissolução, deterioração, uma condição que cessa, ainda que temporariamente, em favor de outra. Um devir ocorre quando se está em vias de tornar-se outra coisa, quando ocorrem mudanças qualitativas e intensivas.

O instante em que algo se inicia não é inteiro ou homogêneo; é constituído de uma multiplicidade de instantes. Presente que resulta da projeção de muitos passados, e é, ao mesmo tempo, a preparação de muitos possíveis futuros: o futuro canto do sabiá, ou seu fim, nas garras de algum gato; a dança dos ventos, o verdejar da caneleira, a leveza ou violência dos ventos que espalharão as sementes.

Transformações se fazem, do centro para as bordas. Nos lugares-instantes em que mudanças acontecem; nessas regiões instáveis, perigosas, imprevisíveis, provoca-se o surgimento do pensar. Do centro do inverno brota a primavera, do breu do escuro surge a luz, do clarão do claro a escuridão irrompe, do âmago do medo a coragem desperta. Tais opostos se sucedem, repetem-se indefinidamente, como séries de acontecimentos. Nenhum sabiá cantará igual a outro, nenhum pé de vento provocará os mesmos efeitos que outro provocou, nenhum bode cabeceará do mesmo jeito duas vezes; a diferença se repete.

Hecceidades

O devir-imperceptível consiste em “reduzir-se a uma linha abstrata, um traço, para encontrar sua zona de indiscernibilidade”.⁴⁶

Trata-se de absorver o instante do *Aion*, mergulhar nas pequenas partículas instáveis que o compõem e, comungando com o burburinho que seu movimento aleatório provoca, instalar-se no inapreensível, na “impersonalidade do criador”.⁴⁷ Desconhecer-se enquanto alguém, tornando-se algo inexprimível, algo que se expande e não se localiza em lugar e tempo nenhum, mas perpassa todos os lugares e tempos, como sucedeu, em determinada ocasião, a Mrs. Dalloway:

Não, agora nunca mais diria, de ninguém, neste mundo, que eram isto ou aquilo. Sentia-se muito jovem; e ao mesmo tempo, indizivelmente velha. Passava como uma navalha através de tudo; e ao mesmo tempo ficava de fora, olhando. Tinha a perpétua sensação, enquanto olhava os carros, de estar fora, longe e sozinha no meio do mar...⁴⁸

Hecceidades “não são coisas ou estados de coisas, mas acontecimentos. Não se pode dizer que existam, mas antes, que subsistem ou insistem, tendo este mínimo de ser que convém ao que não é uma coisa, entidade não existente... Não são substantivos ou adjetivos, mas verbos. Não são agentes nem pacientes, mas resultados

⁴⁶ DELEUZE, GUATTARI, 1997c, p. 74

⁴⁷ IDEM, *Ibidem*.

⁴⁸ WOOLF, 1946, p. 18

de ações e paixões, impassíveis,"⁴⁹ verbos no infinitivo, artigo indefinido. Um alçar vôo, um murmurar, um ventar.

Uma hecceidade não é separável da neblina ou da bruma que dependem de uma zona molecular, de um espaço corpuscular. A vizinhança é uma noção ao mesmo tempo topológica e quântica, que marca a pertença a uma mesma molécula, independentemente dos sujeitos considerados e das formas determinadas.⁵⁰

A velhinha e o mar

Apesar de ter somado setenta e oito anos, nunca esteve diante do mar. A neta mudou-se para uma cidade litorânea e a levou para passar uns dias: conhecer o mar, respirar o ar saudável da praia.

É cedo, ainda. Sete e meia da manhã. Desce do carro, ajudada pela neta. Antes de ver, ouve e fareja a imensa criatura líquida. Escuta o rugido das ondas. Dão a impressão de um urro que vem de muito longe, de um lugar subterrâneo. O som do mar, para ela, assemelha-se ao poderoso grito de uma multidão. Atrai e amedronta. As narinas são invadidas por um cheiro ardido, um misto de iodo e peixe . Empertiga-se.

Apoiada no braço da neta; atravessa a calçada, desce cinco degraus e pisa a areia: fofa e luminosa, branca como seus cabelos. Os pés afundam nela, custa erguê-los novamente.

⁴⁹ DELEUZE, 2000, .p. 6.

⁵⁰ DELEUZE, GUATTARI, 1997c, p. 64

Caminham em direção ao rugido, mas só se vê o céu, dourado. Ergue a mão contra os olhos, protegendo-os da luminosidade excessiva. Sente-se fascinada e amedrontada por aquele monstro líquido, que, a poucos passos, ruge alto e faz espuma.

Vão se aproximando da beira, e agora a areia sob os pés é firme e úmida. A neta abaixa-se, arregança as calças, olha para ela, sorri. Segura-a pela mão e a conduz para dentro d'água. É quentinha, e o impacto das ondas faz cócegas em suas pernas.

Reflexos dourados cavalgam a crista das ondas, e gaivotas mergulham, próximo ao horizonte, após a última arrebentação. Logo em seguida, a poucos metros de onde elas estão, há uma depressão, e mais adiante as ondas são fortes, poucos se aventuram lá, munidos de prancha e roupas de borracha.

A neta insiste para entrarem mais um pouquinho, para sentirem o empuxo das ondas. E, num ímpeto, ela decide soltar a mão da neta e avançar sozinha. Logo ela se desequilibra, pela força de uma onda mais forte, que quase lhe alcança a cintura. Cai, mergulha, toma um caldo. Os braços fortes da neta a seguram e erguem.

Ela tosse um pouco, engasgada com a água, olha para a neta e dá uma risada. Com os olhinhos brilhando, o vestido encharcado, ela diz: - Agora eu vou de novo. A neta, preocupada, fala: - Nada disso, vó. A senhora pode se afogar. Vamos pra casa, tirar essa roupa molhada, ou a senhora se resfria.

Ela acede, contrariada, e, ao passar a língua nos lábios, saboreia o gosto salgado do mar. Algo nela está mudado, irremediavelmente transformado.

Aconteceu, entre ela e o mar, um encontro, uma mistura de partículas, uma situação intensiva, que lhe acrescentou forças. Por motivos indizíveis, por um processo indescritível. O fato é que se combinaram, suas moléculas e as do mar, num devir, num encontro assimétrico, *núpcias contra natureza* da velhinha com o mar.

A velhinha deixou de ser quem era, por um instante, para tornar-se um encontro com o mar, um mergulho, maresia, pura *hecceidade*.

As puras hecceidades habitam o pós-curriculo, imprimindo poesia aos conteúdos e práticas escolares, compondo suas energias com as forças impessoais e coletivas presentes na escola, conjugando verbos no infinitivo: aprender, falar, jogar, desejar, cantar, escrever, ler, compartilhar.

Planos, linhas

Há planos que se constituem preferencialmente por pontos: de chegada, de partida, dos lugares que os indivíduos ocupam, dos papéis que desempenham, das posições que ocupam e trocam entre si. Planos que dizem respeito a formas definidas e a sujeitos que se formam. São teleológicos e transcendentais. Planos de organização ou de desenvolvimento.

Outros, ao contrário, não se traçam antecipadamente, mas durante os acontecimentos: são planos que fogem, compostos por linhas moleculares. Compõem-se de traçados, de trajetos, de deslocamentos. São planos direcionais, correspondentes a latitudes e longitudes. Neles, não há formas e nem sujeitos, apenas agenciamentos coletivos. São planos imanentes, planos de consistência, geométricos, abstratos. Planos de “proliferação, de povoamento, de contágio; mas essa proliferação de materiais nada tem a ver com uma evolução, com o desenvolvimento de uma forma ou a filiação de formas.”⁵¹ Neles ocorrem contaminações, contágios, devires.

Embora trate de organização e de planejamento, o pós-curriculo busca acompanhar trajetos e deslocamentos, e ocupa-se dos devires, nomadiza-se, torna-se imanente à natureza; traça-se por graus de latitude e longitude e por partículas de velocidade, animaliza-se, infantiliza-se. Por isso, acredita-se que o pós-curriculo circunscreve-se mais nesse segundo tipo de plano, o plano de consistência.

Preenchendo os planos, desenham-se linhas. E de que são feitos os indivíduos, senão de linhas que se movimentam nos planos? Elas podem ser rígidas ou flexíveis. Linhas duras, molares, de segmentos fixos, determinados. Linhas identitárias, de auto-afirmação, de territorialização. Alguém é casado, maior de idade, homem, mulher, professor ou advogado, pai de fulano, filho de beltrano, e cada um desses lugares que ocupa corresponde a uma linha dura, molar.

⁵¹ DELEUZE, GUATTARI, 1997c, p.55/56

Elas também podem ser errantes, flexíveis, permeáveis, nômades, mutantes, moleculares. Linhas de errância, de minoridade, de gaguejamento, de infantilidade. Linhas que percorrem caminhos menores: trilhas, túneis, passagens secretas, tocas, buracos, desvios. Pode-se dizer que alguém gosta de cozinhar ou de pescar, sente-se bem quando ouve música tocada por violinos, prefere acordar tarde, etc. Essas são as linhas flexíveis que nos compõem; as moleculares. Elas não demarcam identidades plenamente formadas, mas modos distintos de ser, variações; dizem respeito ao que nos diferencia. Somos desenhados por esses dois tipos de linhas, compondo resultados que nos conferem traços únicos, singulares, além de um terceiro tipo, mais raro, e que nem sempre se apresenta.

Esse terceiro tipo de linha atravessa as duas anteriores: é a linha de fuga. Ela é inesperada e irreversível. Uma vez que se envereda – involuntariamente – por uma linha de fuga, nunca mais se é o mesmo. Ela rompe com os sentidos, corta bruscamente a trajetória que se vinha percorrendo; inaugura algo estranho e inesperado, que nos desloca de nosso eixo, que rompe com as certezas, com o familiar, com o reconhecível. É uma linha transformadora, para o bem ou para o mal. Uma catástrofe, uma alegria absurda, um absoluto contra-senso: não se sabe o que irá provocar, mas será sempre marcante e, a partir dela, um novo padrão se instaurará, num movimento de reterritorialização – ou se permanecerá irreversivelmente desterritorializado.

Toda cautela é necessária, pois a desterritorialização sem retorno só pode significar morte ou loucura. Ao empreender linhas de fuga, há que se considerar os limites além dos quais não haveria retorno; tarefa extremamente complexa. Onde se encontram os limites, e como reconhecê-los? Eis um dos problemas com os quais se deparam todos os que fazem cartografias, que desenham mapas de deslocamentos e transformações.

Os devires, esses fluxos constituídos por linhas moleculares e de fuga, atravessam sentidos e paisagens, e seus nomes próprios são relativos aos efeitos que produzem. A energia que pulsa nos devires não tem dono, não pertence a nenhum dos elementos que compõem um bloco de devir. Devires não obedecem a vontades e intenções, ocorrem por intensão.

Não há primazia de um tipo de linha sobre a outra, ambas são necessárias. Elas se entrecruzam e se complementam, assim como as forças ativa e reativa, centrífuga e centrípeta.

O pós-curriculo desenvolve-se num plano de consistência, e as linhas que o tecem são de dois tipos: moleculares e de fuga.

O que anima

As forças estão presentes nos corpos e em suas ações, no pensamento, nos acontecimentos. São como o fogo que anima e o ar quente que infla os balões atmosféricos, lançando-os à estratosfera.

São as forças que causam movimento, que fazem avançar e retroceder, subir e descer, aumentar e diminuir, inflar e murchar, lançar e conter, dar e receber.

As forças afirmativas são primeiras, do mesmo modo que o infantil é primeiro, em relação a outros devires, assim como as forças centrífugas antecedem as centrípetas. É preciso fazer para depois desfazer, criar para poder destruir: eis o ritmo da vida. A semente do escuro está contida no claro, o germe do medo no ventre da coragem, o sim afirma o não.

“Forças ativas tornam-se reativas,”⁵² e o reativo se aniquila, retornando somente o ativo. A cada nova folha, embora elas sigam um mesmo padrão, um pequeno desvio se adicionará. Transformação, regeneração, surgimento de desvios que embelezam, anomalias que buscam adaptar o corpo às condições do ambiente. O *continuum* das forças acontece, alternância perpétua entre o bom e o mau, entre o que compõe e o que decompõe.

Em todo corpo acontecem lutas constantes, pois o que define os corpos “é essa relação entre forças dominantes e forças dominadas”⁵³. Quando os corpos entram em devir, as forças neles presentes se deslocam, cambiam; alternam-se as dominâncias.

⁵² Cf. DELEUZE, 1976, p.52.

⁵³ IDEM, p. 33.

Quando se separa a vontade do que ela quer e a força do que ela pode, o que era dominado torna-se dominante; forças reativas adquirem maioria, no sentido qualitativo, ainda que permaneçam como maioria no sentido quantitativo. Esse é o segredo da hierarquia; é dessa forma que o pequeno torna-se grande, e o niilismo, algumas vezes, impõe-se à criação. Contra o niilismo do currículo, inventa-se um pós-curriculo, dotado de forças que são primeiramente centrífugas, criadoras, infantis.

Centrífugo é o doar-se, o expandir-se, características infantis; bem como lançar (armas) é próprio dos nômades. Do centro para a periferia, movem-se as forças centrífugas, e da periferia para o centro, as centrípetas. O que vem primeiro? As centrífugas, pois é preciso que haja uma explosão, como o *big bang*, para que algo seja criado, adquira forma, atualize-se. O papel das forças centrípetas é contrair-se, sugar, aspirar, puxar para dentro, dar forma ao informe.

Forças centrífugas espalham-se, são como arqueiros que atiram flechas ao acaso. Como manifestação de forças incontrolláveis, utiliza-se a imagem da tempestade. Uma tempestade se arma, as forças dos elementos se preparam.

Deitam águas sobre a terra: uma borrasca. O volume das águas incidindo nos prédios altos, forma imensas vagas esverdeadas que, ao bater nas paredes de concreto, retorna sobre si, provocando ondas. Energia que reage, que se dobra. Dentro das ondas, camadas de

água fluindo em movimentos espirais; turbilhões líquidos. No centro dos turbilhões, violência, criação.

Os arranha-céus formam barreiras contra os ventos, que pressionam a matéria de tijolo, aço, cimento e vidro. Um conflito se desenrola, testemunha-se a violência da natureza, as forças que agem sem propósito, sem intenção. A tempestade assombra, assusta, desestabiliza. Como as forças dos devires-infantis, é inesperada, e seus efeitos, imprevisíveis.

O ineditismo do pós-curriculo contagia, provocando ondas de criatividade, nas quais o curriculo se banha. Ele investe com a força de uma tempestade, ou de um maremoto.

Como um animal, ele uiva, urra, late, rosna, mostra garras, dentes afiados e pelos eriçados para combater o assentamento do curriculo e a mesmice de seu moralismo, que aniquilam potências. E sua reação se manifesta incontrolavelmente, desmedidamente, como a força das tempestades.

Tal como Sexta-feira, ele transgride, aventura-se, luta, dança, planeja estratégias, demarca territórios, perverte códigos, munido da inocência dos que agem sem culpa e sem moral.

Aquele que ama os ventos descobriu, nos estertores do rato que morria, um frenesi que lhe pareceu transbordamento de energia, força, vitalidade. Assim como ele viu, na morte, forças que parecem

afirmar a vida, o pós-curriculum consegue extrair, da agonia dos currículos envelhecidos, enfraquecidos, desvitalizados, o ímpeto necessário à invenção do novo. O pós-curriculum pressente que a vida enamora-se da morte, e que ambas dançam juntas.

Embora se fale do pós-curriculum como se ele fosse alguém, ele não possui um ser, e tampouco se move pela vontade de um. Ele pertence à categoria dos acontecimentos incorporais, da névoa que se desprende dos encontros entre corpos. Pós-curriculum, uma mistura cujos termos são indissociáveis, cuja presença é indiscernível e carregada de afectos. Pós-curriculum, uma hecceidade.

É lá, no limiar do curriculum, quando já não se pode suportar a mesmice e a dureza molar das práticas de assujeitamento, que o pós-curriculum surge, em todo seu esplendor.

PÉS BAILARINOS, DESCONTROLADOS, DESMEDIDOS

Opõe-se (...) um *bloco de infância*, ou um devir-criança à *lembrança de infância*: "uma" criança molecular é produzida. . . "uma" criança coexiste conosco, numa zona de vizinhança ou num bloco de devir, numa linha de desterritorialização que nos arrasta a ambos – contrariamente à criança que fomos, da qual nos lembramos ou que fantasmamos, a criança molar da qual o adulto é o futuro." ⁵⁴

O verbo no infinitivo, referente ao devir-infantil, é infantilizar-se.

Infantilizar-se não é operar uma regressão, retornar à infância, no modo de agir, falar ou sentir. Não é, tampouco, uma evolução, embora se dirija à terceira idade do homem⁵⁵. Trata-se de uma involução, rumo ao indiferenciado, ao imperceptível. E toda involução é criadora. Trata-se de mergulhar em blocos, blocos de infância.

Os sentidos que este trabalho atribui aos infantis referenciam-se na *Metainfanciofísica*⁵⁶. Elegem-se os devires-infantis como forças criadoras, inventoras, bailarinas, que impulsionam a vida, a escrita, a educação; que animam o pós-curriculo.

Devires infantis podem ocorrer a velhos, homens, crianças ou adolescentes. Pouco importa sua idade, sexo, estado civil, crença ou grau de instrução, pois todas essas características são molares, duras, identitárias. Importam as linhas moleculares que os compõem, isto é,

⁵⁴ DELEUZE, GUATTARI, 1997c, p. 92.

⁵⁵ NIETZSCHE, 1990, p. 44.

⁵⁶ CORAZZA, 2005, p.43-88.

aquilo que os distingue de outras singularidades, o que qualifica suas ações, a celeridade ou gravidade com que se movimentam, a leveza ou peso de seus passos. Importa saber: se arrastam com sapatos de pedra ou calçam sapatilhas de dança?

Não se pretende pintar um retrato do infantil, nem descrevê-lo, tampouco enumerar suas características. Afinal, não importam as características, mas “os modos de expansão, de propagação, de contágio, de povoamento.”⁵⁷ O que se quer, portanto, é acompanhar seus movimentos, seus deslocamentos. E como se pretende fazê-lo? Através da conexão entre a teoria e os fragmentos literários; roubados de obras consagradas alguns, inventados, outros.

O devir-infantil é impessoal. Como todos os devires, ele não ocorre de modo linear e contínuo. Seus fluxos se desenvolvem com acelerações e pausas, retrocessos, esperas e avanços. São imprevisíveis seus deslocamentos, e acompanhar seus trajetos requer predisposição para captar instabilidades; variar, continuamente o traço; violar regras, quebrar constâncias, desterritorializar os códigos.

Infantilizar é uma forma de escapar às molaridades, diferir dos modelos, molecularizar, promover fluxos. E o devir-infantil é aquilo que, na criança, crianceia. Devires-infantis movimentam forças que não cabem em si, que excedem limites: potências em graus elevados, transbordamento, trepidação.

⁵⁷ DELEUZE, GUATTARI, 1997c, p.20.

Reafirma-se que o devir-criança é primeiro, anterior ao devir-mulher. E decide-se chamá-lo de devir- infantil, para diferenciá-lo da forma criança, carregada de história. Afinal, os nômades não têm história, apenas geografia. E infantis são nômades por natureza.

Não se quer falar de um ser infantil: nada de ser, nada de definições. Uma máquina-infantil, um devir-maquínico. Infantilizar-se como invenção, como variação contínua. Minorar-se; optar por linhas que diferem, que não circulam pelo centro, mas pelas bordas.

Pois, além do poder de afectar e ser afectado, importa a sucessão de movimentos, as variações, as falhas nos padrões, que ocasionam pequenas transformações.

Quais as qualidades das forças infantis? Acaloradas, curiosamente ativas, investidas por múltiplos afectos, desmedidas, imprevisíveis, irreverentes e absurdamente criativas. Infantis praticam despropósitos, como carregar água na peneira.⁵⁸

Infantis podem ser adoravelmente perturbadores. Muitas vezes, agem contra regras impostas, como Sexta-feira, que afrontou, sem saber, o rígido código disciplinar imposto por Robinson, escandalizando-o.

Em todo o corpo nu desenhara com suco de jenipapo folhas de hera cujos ramos lhe subiam pelas coxas e lhe envolviam o tronco. Assim metamorfoseado em homem-planta, sacudido por um riso demente, rodeou Robinson

⁵⁸ BARROS, 1999.

com uma coreografia louca. Depois dirigiu-se para o rio a fim de se lavar nas vagas, e Robinson, pensativo e silencioso, viu-o mergulhar, sempre a dançar, na sombra verde dos plenilúnios.⁵⁹

Infantis necessitam de cuidados, são origem e guia do homem, e, para o presente trabalho, confundem-se ao que, para Zarathustra⁶⁰, define-se como além-do-homem. O que é bom e mau, primeiro e último, criador e destruidor.

No que consiste a luminosidade infantil, o que há nas crianças que as torna flexíveis, graciosas, alegres? De onde vêm suas forças? Não se pode, evidentemente, retratá-las, pois se trata do que não pode ser fixado, já que é puro movimento e constante variação. Trata-se de um tipo de acontecimento, com determinados graus de vibração, com partículas de um determinado tipo: partículas intensivas, que se medem não numericamente, mas apenas por graus. Algo que não pode ser apreendido, aprisionado, cristalizado, como em uma fotografia. É fluido como névoa; célere, o infantil. Um acontecimento com cores de ventos.

Partículas infantis, geralmente, desestabilizam, conferindo alegria, leveza, provocando riso. Mas um devir-infantil não seria capaz, eventualmente, de provocar dor, pesadume, sofrimento, diminuição de potência? Tal como o vento, às vezes, gera destruição, um devir-infantil não seria capaz de, involuntariamente, fazê-lo?

⁵⁹ TOURNIER 1985, p. 145.

⁶⁰ NIETZSCHE, 1990.

Infantil; começo e fim de si mesmo, pai e mãe de si próprio, gerado pelos elementos da terra e do universo. Deus pai todo poderoso, o filho e o espírito santo, todos fundidos em um só; força avassaladora e incontrolável. Infantil super-homem, transcendental sem ser transcendente. Infantil imanente, investido de forças da terra e do céu.

Se fosse criança, seria uma criança desedipianizada, destituída dos significados atribuídos pelos adultos, pela família, pelo Estado, pela religião. O infantil, certamente, não guarda qualquer semelhança com a criança forjada pelo poder institucional; foge ao triplice poder parental.

Infantis são dotados de alegria e riem com frouxidão. O riso que riem os infantis é um bom riso, o riso dos descuidados, dos descontrolados, dos que se abandonam aos acontecimentos, dos que se abandonam à vida, como faziam as Mênades⁶¹ e todo o cortejo dionisiaco nos festivais, nos rituais em homenagem ao deus duas vezes nascido.

Infantis percorrem as linhas de fuga que produzem boas viagens, que geram prazer, alegram, acrescentam potência. Mas se tomarem linhas que resultem em morte, em absoluta desterritorialização? Onde fica o ponto certo, o momento certo de parar? E como sabê-lo, uma

⁶¹ Mulheres que participavam dos cultos dionisiacos, e eram possuídas, tomadas de êxtase, o que significava entrar em comunhão com o deus. Cf. BRANDÃO, 2001 p 136.

vez que agem desmedidamente? Quem cuida dos infantis, quem os gerou, de quem são filhos?

Infantis não controlam nada nem a si mesmos. Frutos da superfície, deslocam-se no espaço liso⁶² e no espaço háptico⁶³. Contaminam-se feito vírus, e proliferam rapidamente. Brotam no cimento, rompem calçadas. Não se apegam aos territórios; são de lugar algum e de qualquer lugar. Deitam no chão, rolam, arrastam-se, caminham com pés descalços; cavam buracos. Infantis; filhos da terra!

Infantis são prenhes de idéias. Criam coisas, às vezes, despropositadas, inventam sem parar. Pintam poesia e desenham canções, maquinam planos complicados, traçam mapas de aventuras e tesouros enterrados; brincam de deuses, engendram mundos. No pensamento, flutuam, viajam sem se mover, voam celeremente. Leves como pássaros, dançam a dança dos ventos. Infantis, filhos do ar!

Entusiasmam-se, excedem, retesam-se, inflamam-se, brigam, destróem, conciliam-se, apaixonam-se, desesperam-se, amam-se. Desmedidos, agem impulsivamente. Seus gestos extravasam seus corpos, misturando o calor dos vulcões e a fúria das tempestades elétricas. São forças que não se extinguem; se destruídas, renascem das cinzas. Infantis, filhos do fogo!

⁶² DELEUZE, GUATTARI, 1997d, p.179-214.

⁶³ ROY, 2002, p.89-110.

Informes, manifestam-se conforme as forças que os atravessam. Escorrem, vazam, passando por qualquer fresta, espalhando-se em todas as direções. Quando se pretende controlá-los, escapam, deslizam, evaporam-se. Sua força, embora pareça branda, é capaz de arrastar o que estiver no seu caminho. Refrescante é o seu riso, regeneradora, a sua companhia. Infantis, filhos da água!

Infantil, devir primeiro e último. Primeiro por ser dotado de energia centrífuga, criadora. Extremamente flexível, não teme o ridículo, não se espelha em nada e em ninguém, não reflete, não representa. Primeiro porque nenhum outro devir, além dele, “consiste na verdadeira linha de fuga que atrai o inimigo, atravessa os muros, os rostos, os olhos, os jogos, as brincadeiras, os sentidos dados, as fissuras da superfície, os terrores da profundidade, demole todas as formas e ordens que atravessa”.⁶⁴ Produz fugas, atravessa os muros, os rostos, os olhos, os jogos, as brincadeiras, os sentidos Devir primeiro: origem, ponto de partida, ponto zero.

Devir último porque expressa um extravasamento do humano, um estado a ser alcançado, a terceira idade do homem. Do camelo à criança, passando pelo leão. Para chegar ao infantil, para retornar ao primeiro devir, atingindo igualmente o último, seria preciso que o *eu* se retirasse de cena, desfazendo-se, estilhaçando-se, partindo em múltiplas direções, como cacos de um espelho quebrado. Em cada fragmento, uma centelha; o todo distribuído na multiplicidade.

⁶⁴ CORAZZA, 2003 p 94.

Trajectoria circular? Não exatamente. Em verdade, um trajeto que, em sua própria mudança, desenha uma linha curva que inicia, ponto em que se distancia da reta, progredindo pela tangente, *clinâmen*. Princípio de uma série que destoa, traçado que difere, desenhando curvas que antes não havia, padrões fractais. Alteração no traçado de linhas, gerando transformações. Criação de um mundo, de vários mundos. Infantil-criação, infantil-variação contínua.

A terceira idade do homem é aquela que, conforme Zaratustra, ultrapassou a idade do camelo que carrega, às costas, a culpa e o peso da verdade, do orgulho, das paixões humanas, e tudo suporta sem reclamar. Ultrapassa, também, a idade do leão, que, corajoso, nega a culpa e já não carrega qualquer peso às costas. Ao contrário do burro-camelo, que dizia sempre sim a todos os valores já estabelecidos, o leão sente-se livre para dizer não. Além disso, ele conquista o direito de criar novos valores.

É preciso ter sido leão, para transformar-se em criança, “que é inocência e esquecimento, ‘um novo começo, um jogo, uma roda que se move por si mesma, um primeiro movimento, um santo dizer sim.”⁶⁵

A criança habita um território para além do bem e do mal, e nada sabe dos valores antigos. Não os nega, tampouco os afirma; não carrega nenhuma negatividade, não se vincula ao que o antecedeu pelo sim ou pelo não. Ao contrário, engendra novos valores, que

⁶⁵ PIRARD, 2002, p. 88.

surgem da necessidade do espírito, que traduzem a sua liberdade, manifesta pela criação, pela mais alta vontade de potência.

Afirma-se como força infantil a capacidade de metamorfosear-se constantemente, de tornar-se sempre outra coisa, diferente da que lhe atribuem; de não se adaptar aos moldes, de criar livremente. Além disso, a capacidade de afirmar-se sem depender de qualquer força exterior a si, aproxima o infantil à criança de Zarathustra. Afirma-se o infantil composto de forças afirmativas, flexíveis e mutantes.

Envolvam-me, forças infantis! Corram para meus braços, deslizem em meus sonhos, balancem-se em minha rede, mastiguem poemas em meus ouvidos, chutem-me as canelas, falem-me de despropósitos, belisquem-me com vontade, mostrem-me a língua, enredem meus cabelos, dançam comigo, alegrem-me, irrite-me, levem-me a voar. “Pois eu te amo, ó infantil!”⁶⁶

Te amo, infantil flexível, variável, insondável, impenetrável, imprevisível. Infantil que não se enrijece, que ameaçado, esgueira-se pelos cantos, pelas esquinas, por corredores escondidos; escorrega como um peixe, não é capturado. Se o capturam, é a morte do infantil, cristaliza-se, desfaz-se o devir. Resistente aos aparelhos de Estado, tal como os nômades, um infantil, com sua graça, seu riso, sua dança, luta, rebela-se, desobedece às regras e leis que lhe impõem. Ainda quando, aparentemente, submete-se, guarda surpresas na manga. Infantil-guerreiro!

⁶⁶ CORAZZA, 2005 p 76.

Infantis são filhos da terra, cujo verbo principal é gerar. Terra-mãe, alimentadora, corpo-nutriz, Speranza.⁶⁷ Pode-se dizer que alimentar e alegrar-se são verbos do devir-infantil, primeiro e último. O devir-infantil é anterior ao devir-mulher, e posterior a todos os outros devires. Devir-último, infantil que se esvaece, que transfigura-se, desaparecendo num golpe de magia, metamorfoseando-se em um devir-vento, em devir-imperceptível.

Fluxos infantis; como os nômades, proliferam no espaço liso, onde suas forças circulam livremente. Espaços lisos são heterogêneos, descontínuos, sem entrada e sem saída, sem portas ou portões. Não possuem sulcos, montanhas e vales, reentrâncias ou cavernas, nem dobras na superfície, como os desertos.

Espaços lisos se compõem de partes heterogêneas, ao contrário do que se poderia pensar. O fato de se poder, neles, enxergar à distância, não afasta surpresas, e promove a circulação por caminhos de traçado descontínuo, como linhas fractais. Nos espaços lisos as trajetórias não se dão em linha reta, e não há referências visíveis. As referências são, como no deserto, ventos, calor, pressão, céu, sol, lua e estrelas, dunas que trocam de lugar.

De algum modo, os espaços abertos favorecem o contato com o desconhecido. Em tais espaços, qualquer lugar pode ser ponto de partida ou de chegada. O acesso não se limita às passagens por portas e portões. Onde há portões, há porteiros, ou olhos que se

⁶⁷ A ilha na qual naufragou Robinson Crusoé, cf. TOURNIER, 1985.

encarregam de proteger e vigiar, mecanismos de identificação de quem por ali transita.

Infantis compõem-se de linhas moleculares e de forças afectivas e intensivas, que podem ser transmitidas, feito corrente elétrica, a partir de um olhar, de um toque, de uma palavra. Devires-infantis geram potências e contaminam com afectos positivos, portadores de alegria dançarina.

Os devires-infantis e os trajetos por eles percorridos obedecem a uma lógica própria, ilógica, que contraria o bom senso e obedece a despropósitos. O que brota das forças infantis? Riso, alegria, criação. Olhares brilham como faíscas de fogo que dança sem sair do lugar. Criaturas diurnas, do meio-dia, quando sol está a pino e nada se esconde, não há sombras.

Cada passo dos infantis revela um som peculiar, um tilintar, um vibrar cordas. Seus olhares atravessam e são atravessados. Riem frouxamente, como quem se embriaga no balançar de uma rede. Quando abrem os braços, atravessam oceanos, criam asas, vão de alfa a ômega .

Caminham como quem saltita, circulam imperceptivelmente por muitos lugares, e algumas vezes nem são vistos. Vêem-se, depois, suas marcas: arranjos ou desarranjos na paisagem ao redor. Os infantis, como os ventos, costumam deixar sinais, à sua passagem. Ainda que seja o odor, algumas partículas permanecem no ar por algum tempo.

Narinas mais sensíveis, de cão ou gato, farejam, captam qualidades que antes não se encontravam ali.

A atmosfera muda de cor à passagem do vento, à passagem da *hecceidade* infantil. Pode-se dizer que desliza, flutua quase. Sua fala possui uma musicalidade que agrada. Quando chega a um lugar, catalisa atenções, mas não se sabe bem porquê.

Quando ele anda, produzem-se ondas musicais, explosões sonoras de vitalidade, de entusiasmo. Ama os rodopios, os corrupios, os giros de toda espécie.

Imprevisível, inesquecível, ainda que seja apenas um registro que se guarde com imprecisão. Infantil puro efeito, mero resultante de acontecimentos. Infantil fugaz. Efêmero como a respiração: inspirar, expirar, nada reter. Tornar-se receptáculo, vaso, força feminina. Temperamento líquido, vertente de fluxos, singularidade na convergência de linhas.

Busca-se a infantilização no ato de desfazer-se, de jogar-se no fluxo que atravessa e direciona os agenciamentos. Lançar-se ao rio da vida, tornar-se *hecceidade*, dionisificar-se, experimentar a vida com intensidade, viver o agora com o momento mais importante, o único que realmente importa. Como as crianças fazem, em suas aventuras inesquecíveis:

Corremos juntos mais perto uns dos outros, alguns estenderam as mãos aos demais, não se podia manter a cabeça suficientemente alta, porque o caminho era uma descida. Alguém deu um brado de guerra de índio, sentimos nas pernas um galope forte como nunca, nos saltos o vento nos suspendia pelos quadris. Nada poderia nos deter; estávamos numa corrida tal que mesmo na hora de ultrapassar éramos capazes de cruzar os braços e olhar calmamente em volta.⁶⁸

Infantil destruidor

O vento, além de provocar efeitos benéficos, como espalhar sementes, secar roupas, empinar pandorgas, produzir energia elétrica, pode destelhar casas, derrubar postes, provocar destruição por excesso de força, por transbordamento. Não pode ocorrer o mesmo aos infantis? Se causam destruição, é involuntariamente que o fazem; pela expansão de suas forças. Como Sexta-feira explodindo a ilha, ao atirar, aceso, o cachimbo de Robinson que tomara escondido, no fundo da gruta; como a menina que estrangulava gatinhos.

Na moldura clara à entrada da gruta recorta-se a silhueta escura de Robinson, mãos nas ancas, pernas afastadas, rubricado pela correia do chicote. Sexta-feira levanta-se. Que fazer do cachimbo? Lança-o com toda força pra o fundo da gruta. Encaminha-se depois corajosamente para o castigo. Robinson deve ter dado pelo desaparecimento do pote, pois espuma de raiva. Levanta o chicote. É então que os quarenta tonéis de pólvora negra falam ao mesmo tempo. Uma torrente de chamas vermelhas jorra da gruta.⁶⁹

⁶⁸ KAFKA, 1999, página 12.

⁶⁹ TOURNIER, 1985, p. 165.

Estranguladora

Chamavam-na de estranguladora. Não sabia o que significava, mas percebia que era coisa ruim, pois era em tom de raiva que a chamavam assim.

Adorava os gatinhos, principalmente os filhotes, pequenininhos, de olhos ainda fechados. Aquela gata vivia parindo, e os filhotes, de cores variadas, tinham um calor e um cheiro que lhe agradavam. Seus corpinhos se contraíam como os das minhocas, embora fossem bem maiores e peludos. Ela os segurava firmemente entre as mãos, cheirando seus focinhos e apertando-os com força. Apertava-os tanto que, às vezes, algum deles parava de se mexer e de soltar aqueles miados mínimos. Largava-os, então, no chão, mais moles do que antes, e depois de algum tempo, ficavam duros feito pedra. Por isso, gritavam com ela, xingavam-na, enxotavam-na.

Blocos de infância

São fragmentos que não trazem lembranças, mas blocos de infância, isto é, remetem ao que não foi, necessariamente, vivido, mas carrega sentimentos e afectos do vivido, que fazem a alma, momentaneamente, dançar. São imagens que refrescam, aliviam, alimentam, conferem forças renovadoras.

Distância

Proximidade com as plantas, as claridades e sombras do dia, na casa do avô, diante da linha do trem. Um velho galpão de guardar

ferramentas e ração para as galinhas; o estábulo, com cheiro de vacas, cheiro de estrume. No morro, laranjeiras: laranja de umbigo, laranja do céu. Um quintal, um poço, uma rede, conversa no final da tarde e copos de refresco. Ah, deliciosas tardes de primavera!

Roubar frutas

Pular a cerca de arame farpado que circunda a chácara. Subir, escondido, num pé de caqui e comer as frutas, às vezes ainda verdes. Delícias: as frutas e o frio na barriga, mistura de medo e prazer.

Cheiro

Gramma molhada, depois da chuva, e a velocidade da bicicleta. Olhar para o longe, e pedalar livremente!

Pés

A sola dos pés, pisando a areia branca e fofa da praia. Vontade de correr e gritar, para o mar e as dunas, a maciez de caminhar num chão assim.

Voz

Cantar com vontade e a voz afinada. Subir e descer nas notas musicais, e conquistar alturas, flutuando nas asas do vento, das luzes, das águas.

Noite

À noite refresca, e a luminosidade da lua cheia parece convidar a uma caminhada. Pouca gente passa por ali, àquela hora. O som dos

seus passos e as vozes, dentro do peito, do pai e da mãe conversando nas remotas noites de verão, lhe trazem uma sensação de segurança e de gratidão por estar vivo.

Páscoa

Sexta-feira, de manhã cedinho. Pessoas caminham pelo campo, colhendo macela. Um temporal se aproxima, e são admiráveis as nuvens escuras e pesadas. Começa a ventar forte. Abrir os braços e girar, satisfeita, lançando um último olhar ao vale, lá embaixo, e às pessoas que agora se apressam em busca de um abrigo para proteger-se do vento e da chuva.

Banho de chuva

Ah, delícia! Urinar na roupa, na rua, diante de todos. Ninguém nota, já que chove torrencialmente.

Independência

Sair sozinho com os amigos, sem mãe, pai, tio, irmão mais velho. Voltar no horário combinado, pra garantir o direito a uma próxima vez. E nesse intervalo entre a hora de sair e a hora de voltar, ganhar o mundo!

Arremate

O bem e o mal do pós-currículo manifestam-se por fluxos de infantilidade, que criam e destroem com o mesmo ímpeto. Quando

destrói, é por gana de viver, pois o excessivo amor à vida, por vezes, provoca, inesperadamente, a morte, como ocorria à estranguladora.

Possa o devir-infantil do pós-currículo provocar, naqueles que lidam com educação, muitos blocos de infância, preenchendo-os de satisfação e indizível alegria.

O devir-infantil do pós-currículo (des)organiza os espaços, alisando o estriado, aproximando o distante, fazendo piruetas, jogando dados com o acaso.

AQUELES QUE CAVALGAM OS VERMES

O livro Duna, de Frank Herbert, tem como principais protagonistas os Fremen, um povo nômade que habita Arrakis, o planeta onde nunca chove, chamado Duna pelos nativos de outros planetas. Arrakis possui um tesouro explorado e cobiçado por todo o império, a especiaria melange, uma droga capaz de conferir, a quem a consome, o poder, dentre outros, de prever acontecimentos. A companhia CHOAM, que detém os direitos de navegação espacial, é responsável pela coleta da especiaria, pois seus pilotos necessitam dela para dirigir as naves espaciais, o que eles fazem sem sair do lugar. Em verdade, transportam as gigantescas fragatas pelas rotas interplanetárias nadando em um imenso aquário. A especiaria é que lhes possibilita controlá-las à distância, com rotas e velocidades precisas.

A especiaria, portanto, é um tesouro que impulsiona o Império interplanetário. O planeta deserto é colonizado, e alguns de seus moradores, residentes nas cidades (pias e panelas), são controlados pelos colonizadores. Há outros, no entanto, que não se submetem.

São os Fremen, habitantes do deserto, acostumados a viver em cavernas, adaptadas para oferecer um mínimo de conforto. Eles são um povo guerreiro: suas mulheres, velhos e crianças lutam melhor do que a elite dos Sardaukar, a Guarda Imperial, e desenvolvem tecnologia extremamente avançada, para resistir às duras condições do planeta.

Algumas de suas fantásticas invenções, suas máquinas de guerra⁷⁰ são o traje destilador, uma roupa especial que recupera toda a água expelida pelo corpo, reciclando-a para ser reaproveitada, isto é, bebida; e armadilhas de vento, que extraem, da ínfima umidade carregada pelo vento, gotas de água, que são colhidas e armazenadas em alguns poços sagrados.

Eles são extremamente disciplinados, e agem organizadamente, em obediência a um plano: tornar algumas regiões do planeta mais habitável, cobrindo-a com plantas. O plano foi traçado pelo planetólogo imperial, Liet-Kynes, que, após viver muitos anos no planeta Arrakis, tornou-se um líder Fremen, traindo os interesses do Imperador Shaddam IV pelos do povo que o acolheu, dando-lhe uma esposa e uma filha.

A especiaria é produzida por gigantescos vermes, temidos pelos colonizadores e mineradores de especiaria, que a retiram da areia do deserto. Os vermes engolem os equipamentos de mineração, tratores de sucção e pequenas naves semelhantes a helicópteros, e qualquer criatura que deles ouse se aproximar, com exceção dos Fremen, que sabem como controlá-los, cavalgando-os pelas areias do gigantesco deserto.

Ergueu seus ganchos, apontando ao longo dos anéis, e inclinou-se para a frente. Sentiu quando prenderam e repuxaram. Saltou para cima, plantando seus pés contra aquela parede, inclinando-se para trás, puxando contra

⁷⁰ DELEUZE, GUATTARI, 1997d, p. 11-110.

as farpas dos ganchos. Esse era o instante da verdade em todo o teste: se houvesse plantado seus ganchos corretamente, a borda dianteira do segmento-anel, de modo a abri-lo, o verme não poderia rolar e esmagá-lo.

A criatura diminuiu a velocidade. Deslizou sobre o batedor, silenciando. Lentamente começou a rolar, para o alto, sempre para o alto, levando aquelas farpas irritantes para o mais alto que podia, longe da areia que ameaçava o macio interior imbricado de seu anel-segmento.

Paul se encontrou de pé no topo do verme. Sentiu-se exultante, como um imperador observando seu mundo.⁷¹

Além de cavalgar os vermes do deserto, caminham sobre ele, imperceptivelmente, imitando os sons naturais, como areia deslizando e o movimento de pequenos roedores. Os vermes têm uma audição extremamente sensível, e são atraídos por qualquer som ritmado, num raio de quilômetros. O caminhar Fremen é desprovido de ritmo, calculadamente arrastado e irregular.

Naturezas nômades

Estão sempre chegando e partindo e não se fixam a territórios, pois sabem que podem ser expulsos, a qualquer momento. Seu território é a terra, o planeta amado, mãe, pai, berço e sepultura. Por isso, estão sempre chegando e partindo, suas casas são provisórias. O bando é lei e segurança, e cada indivíduo a ele pertence, e o defende com a própria vida. Seus trajetos obedecem a um perpétuo desterritorializar-se e reterritorializar-se. Seus propósitos e linhagens se propagam por fluxos.

⁷¹ HERBERT, 1984, p. 508.

Habitam o espaço liso, o deserto, que é como um tecido sem direito e avesso, que não possui pontos de referência, apenas linhas, trilhas a ser percorridas. Burlam o controle. Não caminham, deslizam, como a areia e o vento.

Deviam fazer sons que reproduzissem o resvalar natural da areia. . . como o vento. Mas os músculos protestavam contra esse padrão interrompido, antinatural: um passo. . . arrasta o pé . . . arrasta . . . um passo . . . um passo . . . espera . . . arrasta . . . passo. . . O tempo parecia se prolongar ao redor deles. O penhasco adiante não se tornava mais próximo. O outro atrás ainda se elevava bem alto.⁷²

Os nômades são inventores das máquinas de guerra e da velocidade absoluta. Povos que não se submetem aos impérios, que detêm uma técnica e uma ciência menores, como armas de sobrevivência, alternativas às ciências régias. Como os Fremen e seus trajes destiladores, inventados para percorrer a vastidão do deserto, ao contrário das populações subordinadas ao Império, vivendo nas pias e panelas.

Trata-se, basicamente, de um micro-sanduíche: um filtro de alta eficiência com sistema de troca de calor.(...) A camada de contato com a pele é porosa. O suor passa através dela resfriando o corpo num processo de evaporação quase normal. As duas camadas seguintes (...)incluem filamentos para troca de calor, e precipitadores de sal. O sal é recuperado.(...) No deserto você usa este filtro sobre seu rosto, com este tubo nas narinas e tampões para assegurar um encaixe perfeito.

⁷² HERBERT, 1984,. p. 338

Respire através do filtro sobre a boca, e expire pelo tubo no nariz. Com um traje Fremen em boas condições de funcionamento, não perderá mais do que um dedal de umidade por dia – mesmo se for apanhado no Grande Erg⁷³.

Nômades deslocam-se imperceptivelmente, como as dunas no deserto, como os ventos que os varrem. Percorrem quilômetros e viajam, sem sair do lugar. Mudam de território, sem abandonar a terra, sua verdadeira morada. São os desterritorializados da terra. Como os infantis, pertencem a todos os lugares e a lugar nenhum: filhos do fogo, da terra, da água e do ar.

Filhos da terra, seu verdadeiro território, o planeta Arrakis; os Fremen tentam, pouco a pouco, modificar a superfície do planeta. Seguem um plano a longo prazo, que deverá ocupar muitas gerações, até surtir o efeito esperado. Afinal, “o nômade cria o deserto, tanto quanto é criado por ele. Ele é o vetor de desterritorialização.”⁷⁴

- Nosso primeiro objetivo em Arrakis – disse-lhe o pai – serão as regiões de grama. Começaremos com esses tipos de capim mutante. Quando tivermos umidade presa nestas regiões gramadas, poderemos começar as florestas nas terras elevadas. Depois, algumas massas de água livre – pequenas no princípio -, situadas ao longo das linhas de ventos dominantes, com precipitadores de umidade, em armadilhas de vento, colocadas em espaços ao longo dessas linhas para recapturar o que o vento leva. Devemos criar um verdadeiro siroco – um vento úmido –

⁷³ IDEM, p144.

⁷⁴ DELEUZE, PARNET, 1998. p. 53.

mas nunca poderemos dispensar as armadilhas de vento.⁷⁵

Na medida em que buscam organizar o deserto, e reverter as condições de sua natureza, eles operam um movimento de estriamento no espaço liso. É inevitável, a transformação do liso em estriado, e do estriado em liso. Essas misturas são esperadas, pois um tipo de espaço está sempre cedendo lugar ao outro, há um movimento contínuo entre eles, um vaivém mais ou menos lento, conforme os agenciamentos que nele operam.

A única maneira de acompanhar os deslocamentos nômades é rastrear seu caminho, percorrendo trajetos de fluxos intensivos, que se compõem não por retas, mas por linhas curvas, turbilhonares. Seguir fluxos é diferente de reproduzir, através de malhas estriadas, o espaço que alguém ocupa, o que se faria por pontos. No espaço liso, não há pontos, mas uma outra topologia, de territórios cujas bordas não coincidem, espaços que se superpõem, mas não se sucedem.

Um espaço liso é, como o espaço riemanniano⁷⁶ "puro *patchwork*. Tem conexões ou relações táteis. Tem valores rítmicos que não se encontram em outra parte, ainda que possam ser traduzidos num espaço métrico. Heterogêneo, em variação contínua, é um espaço liso enquanto amorfo, não homogêneo."⁷⁷

⁷⁵ HERBERT, 1984, p. 349

⁷⁶ DELEUZE, GUATTARI, 1997d p 190.

⁷⁷ IDEM, p.194.

Os nômades fogem aos aparelhos de Estado, que codificam seus habitantes, numerando-os. Fogem à marcação e recusam-se a servir, como gado, aos interesses e pactos imperiais. O aparelho de Estado atribui, aos cidadãos, números que subtraem ao mesmo tempo que adicionam. Adicionam em quantidade, subtraem em qualidade, em potência.

Agem como se fossem um único indivíduo. O bando garante a força, a proteção, a segurança de cada um. A lei do bando está acima da vida de cada um, em particular. Como o compromisso da água, que garante que, ao morrer um integrante da tribo, sua água será recuperada, e pertencerá à tribo. E se ele morrer em combate, a água será do vencedor. " - Esse é um compromisso da água e conhecemos os ritos. A carne de um homem lhe pertence, sua água pertence à tribo." ⁷⁸

Esse compromisso assegura a ligação do indivíduo com o bando, e vice-versa. Apenas a parte sólida do corpo pertence a cada homem: a sua água, seus líquidos, o sangue, pertencem à tribo. O indivíduo faz parte do bando, cujas leis determinam sua vida. São indissociáveis, indivíduo e bando, como nas matilhas.

Como os Fremen, as partículas nômades presentes no pós-curriculo inventam modos de se deslocar sem atrair em seu encalço o gigantesco verme, o moralismo curricular com seu mau humor, com sua excessiva seriedade, gravidade, autoridade. O pós-curriculo

⁷⁸ HERBERT, 1984. p. 276

privilegia a atuação coletiva, a força do bando e seus ritos, e alisa os espaços escolares, inventando viagens em intensidade, transformando salas de aula, corredores, pátios em terras distantes, em mares e desertos.

O devir-infantil do pós-curriculo se esgueira quase imperceptivelmente pelas brechas do currículo. Sem fazer alarde, sem tocar tambores anunciando as inversões e perversões que comete.

Aquele que ama os ventos

No alto do morro venta muito, e de lá se vê um lago, alguns contornos de suas margens e pequenas ilhas próximas da costa. Ele costuma subir ao morro e fazer longas caminhadas por lá. Nesse dia, o vento sopra rasteiro. Nas copas das árvores mais altas, as folhas estão paradas, mas os arbustos e os talos de capim se agitam. Ele carrega uma varinha, e bate com ela nos capões para afastar as cobras.

Encaminha-se para um lugar perigoso, e isso o excita; gosta de correr riscos. É uma grande rocha à beira de um penhasco, local de onde se vislumbra o lago e uma avenida movimentada. As casas e os carros, lá embaixo, parecem de brinquedo. Chegando à rocha, larga a varinha e senta-se na beira da rocha, os pés suspensos no abismo. Recosta-se no paredão de pedra e mira longamente a paisagem, como se fosse um rei, perscrutando seus domínios. Fecha os olhos e aspira o cheiro das flores e ervas do mato que o rodeia.

Subitamente, um pé de vento mais forte o desperta desse estado sonolento, arrepiando seu cabelo e assobiando forte em seus ouvidos. Ele se ergue com alguma dificuldade, agarrando-se na pedra, e sai dali para um local mais seguro, distante do abismo. O vento intensifica-se. Permanece rasteiro, e forma um redemoinho que faz bailar folhas secas, em seu movimento espiral. Assobia com mais força, zune, e isso o entusiasma. Ele abre os braços e gira, fazendo um corrupio, dançando com o vento. Gira até ficar tonto, e joga-se ao chão. O vento vai se atenuando, como se, solidário com ele, também se cansasse. Desfaz-se o redemoinho, e as folhas caem, inertes. O sopro do vento é sutil, agora, quase imperceptível.

O homem sorri, feliz. Despe-se e deita na relva. Goza o calor do sol e as carícias que a brisa lhe faz, provocando arrepios. Não está sozinho, embora pareça. Um lobo nunca é só um lobo. Ele carrega uma multiplicidade dentro de si, e comunga com ela, através do vento, no qual julga distinguir muitos odores. O vento lhe traz minúsculas partículas que carregam os cheiros dos lugares por onde passou; da vegetação, das águas, dos animais, dos sabores das frutas, das vestes e cabelos das pessoas, das fumaças e sementes que transportou.

Ele sonha em construir uma armadilha de vento, para dela extrair, não umidade, como fazem em Arrakis, mas os cheiros, aprisionados nos minúsculos fragmentos que o vento transporta. Assim, poderia conhecer muitos lugares, sem sair de perto do lago, do morro, da praça, do seu pequeno território.

Há quem o julgue maluco, pois possui uma velha mochila de couro surrado que, às vezes, carrega consigo, e não permite que mexam nela. Ameaça os moleques, quando o perturbam, fazendo gestos que indicam que dela poderá sair algo perigoso, que derrubará a todos. Acredita ter aprisionado, dentro dela, um vento muito forte, um vendaval, que agora se encontra sob seu poder, e poderá sair, arrastando o que houver pela frente, a um comando seu. Às vezes, prende ao boné um imenso cata-vento, e corre pelas ruas, de braços abertos, assoprando com força: acredita, então, ser o próprio vento.

Embora percorra sempre os mesmos caminhos e não saia do seu território, ele viaja, nas asas do vento, e carrega consigo sua própria matilha, apreendida através dos odores que julga distinguir no corpo eólico, e nas forças que com ele se conjugam, nos devires que experimenta. Compõe-se um conjunto de heterogêneos, o homem e o vento. Casamento híbrido, que nada produz, pois os devires só acontecimentos intensivos, que produzem novas forças, nada criam, além de devires. Homem e vento se enlaçam, embora permaneçam distintos, arrebatados numa dança mista, um agenciamento que acrescenta alegria e potência.

Aquele que ama os ventos é caminhante dos morros e das praças. Na mesma praça onde a garotada jogava bola e ele imitou um rato agonizante, outras cenas se desenrolam, pois as praças públicas, afinal, são como retalhos nos mapas urbanos, endereços mistos, nós.

Andarilho, não há porto que o prenda, pois seu coração é livre.

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem.⁷⁹

Esse homem que ama os ventos percebe, neles, o que ninguém mais parece notar: os odores que carrega, o bailado dos pequenos redemoinhos, as línguas aéreas que lambem orelhas. Da mesma forma, o devir-infantil do pós-curriculo descobre, nas dobras e fissuras do curriculo, o que ninguém ainda vira: palavras dentro de palavras, pontos, vírgulas, interrogações e interjeições que expõem o avesso dos sentidos, que desmancham frases prontas, ordens e contra-ordens.

Nós urbanos

Os números nômades medem deslocamentos; são direcionais, e não dimensionais ou métricos. Há números que servem para contar, que marcam distâncias percorridas de um ponto a outro. São os números numerados; contabilizam entradas e saídas, perdas e ganhos. Os números da velocidade, ao contrário, numeram sem ser contados, acompanham oscilações de velocidade, progredem por movimentos rítmicos irregulares.

Há números que se repetem, formando padrões, e outros que nunca se repetem. A qual tipo correspondem, as andanças e paradas

⁷⁹ NIETZSCHE, 2000, p. 306

das trajetórias nômades? No traçado de seus mapas, escrevem-se quantias que deixam de ser numéricas, para tornarem-se cifra. Correspondem a direções e a variáveis rítmicas, são números latitudinais e longitudinais, pois correspondem a velocidades e lentidões e à emissão de afectos.

Números ímpares: andarilhos, sonhadores, guerreiros de todo tipo. Gente que circula pela cidade, que faz parte da paisagem dos territórios urbanos. Nômades que circulam pelos morros, pelas trilhas, pelas praças. Como Zaratustra, como aquele que ama os ventos e o que deles se pode extrair, que é nomeado pelos seus afectos, pelos seus trajetos, pelas intensidades, pelos devires, como o devir-rato que agoniza, apresentado a uma platéia de garotos que jogavam bola na praça.

Os números numerantes correspondem aos espaços lisos, territórios que os nômades criam, ao mesmo tempo que são, por eles, criados. Espaços lisos, como qualquer outro, constituem-se por linhas. A diferença entre ele e o espaço estriado está no papel que as linhas desempenham, em cada um deles.

Linhas se cruzam, forças distintas se conjugam, nos pontos – nós; lugares onde o espaço liso se confunde com o estriado, como as praças e os pátios escolares.

Embora o espaço liso e o estriado possuam naturezas muito diferentes, o liso precede o estriado, e misturas se produzem entre eles,

fazendo com que seja difícil, algumas vezes, diferenciar um do outro. Há um contínuo movimento de transformação, em que o liso sofre um processo de estriamento e o estriado, por movimentos de fuga, cede lugar, novamente, ao liso.

Os dois espaços se distinguem, inicialmente, pelas relações inversas entre pontos e linhas. No espaço estriado, as linhas se submetem aos pontos, isto é, se desenvolvem entre um ponto e outro. No liso, ao contrário, os pontos só se criam em função das linhas, dos deslocamentos, das trajetórias. No espaço liso a linha é um vetor; direcional, e não dimensional.

A natureza das linhas varia, também, conforme os espaços que ocupam. Linhas direcionais pertencem ao espaço estriado. No liso, elas obedecem a graus de intensidade, a cifras, a números numerantes.

Há dois tipos de corte que se fazem nos espaços: um deles responde a um padrão pré-determinado; o outro é irregular e indeterminado, efetuando-se em qualquer porção do espaço. O tipo de corte que sofrem, e a distribuição de elementos no espaço vai determinar diferenças ou semelhanças entre eles.

Conforme Boulez, “num espaço-tempo liso ocupa-se sem contar, ao passo que num espaço-tempo estriado conta-se a fim de ocupar”.⁸⁰

⁸⁰ DELEUZE, GUATTARI, 1997d, p. 183.

O que leva a pensar nos espaços das salas de aula, bem como nas praças e pátios escolares. Numa sala de aula, é preciso saber quantos alunos a ocuparão, para distribuir as classes e cadeiras, deixando livre um espaço para circulação. Nos pátios e praças, ao contrário, alunos se distribuem aleatoriamente, e suas posições sofrem variações irregulares e contínuas. Os dois espaços, no entanto, podem ser transformados.

Em uma aula de Educação Física no pátio, por exemplo, a professora ordena que os alunos se agrupem em filas ou círculos, e, conforme a atividade, se desloquem obedecendo a um traçado previamente combinado; se restringem a ocupar uma determinada região do pátio, um retângulo ou quadrado onde farão jogos, etc. Dessa forma, o espaço liso se estria.

Ao contrário, pode-se empurrar todos os móveis de uma sala para os cantos, e desenvolver uma atividade em que os alunos circularão livremente por ela, variando ritmos e posições: uma aula de expressão corporal, uma brincadeira ou jogo dramático, por exemplo. Aí, o espaço estriado se alisa, os pontos de referência se alteram, ou se perdem.

O espaço das cidades é estriado, pois nelas as ruas e edificações são planejadas; o espaço é dividido, recortado, calculado. No entanto, esse espaço é constantemente revertido, transformado, restituído a um estado caótico, desordenado, intensivo, liso. É o caso

das favelas, das ocupações clandestinas, e das praças públicas, territórios de todos e de ninguém.

Uma praça, geralmente, situa-se em um entroncamento de linhas, três ou quatro ruas; consiste, portanto, em um nó. Possui um endereço, situa-se em determinado lugar no mapa da cidade, tem uma estátua, placa ou obelisco, onde consta seu nome, geralmente relacionado a algum personagem ou fato histórico. É dotada, portanto, de uma identidade: tem data de nascimento, nome próprio. . . É um componente do espaço estriado; localizável por coordenadas latitudinais e longitudinais. No entanto, alisa o espaço que ocupa. O que acontece na praça é da ordem do imprevisível, pois não se sabe, ao certo, quem a visitará, e que caminhos, nela, percorrerá.

Ninguém controla o que acontece nas praças, pois, mesmo quando há guardas ou vigias, eles são itinerantes, não permanecem no mesmo local por muito tempo. Cães sarnentos, pássaros, bebês, crianças, escolares, bêbados, mendigos, velhos, senhoras e senhores, qualquer um circula pelas praças.

Praças são casa dos ventos, que as percorrem livremente, pois ali não há paredes, portas ou teto: são abertas, como os mares e os desertos. Lugares de passagem, são atravessadas por fluxos que vazam, por devires.

Não se assinam contratos, nas praças, e o que lá acontece pertence ao domínio do tempo que escorre sem parar, do tempo que

os relógios não captam, o tempo que foge na garupa dos ventos. Ventos favorecem o desfolhamento das árvores, quando outona. Nada resta de supérfluo, depois que Boréas⁸¹ passa. Papéis sujos, pontas de cigarro, plásticos, todo o lixo acumulado é por ele e pelas águas, carregado. As praças ficam limpas, lavadas, as árvores descabeladas e frescas, tudo cheira a vida nova, depois das tempestades.

Um cão vadio deita na grama, debaixo de um banco ou dentro de um túnel de concreto do play-ground; enrodilha-se e adormece, até ser despertado pela algazarra de crianças que brincam. Um homem encurvado acende seu cigarro; uma babá passa empurrando um carrinho com um gordo e rosado bebê; um chapéu é carregado pelo vento.

Bancos de cimento e ferro abrem-se ao céu, vazios e molhados, depois da chuva. Entregam-se aos verdes, ao barro, às águas, aos ventos.

À noite, mudam de ares, as praças, outro tipo de gente as visita. Dois homens se beijam, acariciam-se. Saem do banco e encaminham-se para um lugar oculto, atrás de uns arbustos. Escutam-se gemidos, galhos do arbusto se movem.

⁸¹ Vento do norte, causador de tempestades geladas e violentas.

Um bêbado abaixa as calças e defeca, atrás de uma estátua. Limpa a bunda com pedaços de jornal, que larga ali mesmo, antes de puxar as calças e afastar-se, cambaleando.

Uma mulher passa apressada, agarrada à sua bolsa, visivelmente assustada. Olha para trás, começa a correr. Um homem a persegue, ela grita por socorro. Luzes de uma casa próxima se acendem, alguém pergunta o que está acontecendo. O homem recua, desaparece nas sombras da praça.

Dois adolescentes sentam em um banco, acendem um cigarro e fumam, revezando a vez. Tossem, engasgam-se com a fumaça. Conversam e dão risada. Logo em seguida, se dirigem à avenida próxima à praça, repleta de luzes e bares movimentados.

Durante o dia, crianças se esbaldam. Correm, pulam, sentam, remexem a terra e a grama, brincam nos balanços, gangorras e escorregadores, penduram-se em árvores e nos trepa-trepas; escondem-se, caem, choram, brigam, fogem, riem, jogam bola, conduzem cães, perseguem gatos. . .

Praças são pequenos territórios de espaço liso, nós urbanos, confluência de ruas, de linhas, de acontecimentos de todo tipo. Forças distintas circulam, nas praças; encontros ocorrem, nômades transitam por seus caminhos, hecceidades os ocupam.

Há praças dentro de praças, do mesmo modo que cidades encobrem outras cidades, visíveis conforme o ângulo que se vê. É por isso que, em determinada praça, em dias ensolaradas, quem sobe no coreto vê senhoras com longos vestidos e sombrinhas coloridas conversando amigavelmente, e meninos empurrando arcos com suas varinhas, e cães que ressonam em almofadas de veludo; e ouve a música de um realejo tocando marchinhas antigas.

Em outra praça, há um obelisco. Em dias de chuva, abre-se nele uma porta minúscula. É preciso abaixar-se para passar por ela. Vai dar em um jardim cujo chão brilha feito cristal, ofuscando os olhos. Nesse jardim, há bandeirolas de seda dependuradas em fitas que descem do céu. Tigres e panteras passeiam ostentando coleiras de ouro, carregados por senhores que calçam fraques listrados e polainas, e sorriem amistosamente.

Uma senhora visita uma praça todas as terças-feiras à tarde, e lá, diante de um velho ipê roxo, toma uma charrete que atravessa ruas estreitas até chegar a um café muito chique, com mesas e cadeiras de madeira torneada e toalhas de renda, servido por garçons que só falam francês. Diante do café há um palco onde é representada sempre a mesma peça, mudando, no entanto, a ordem das cenas, o que faz com que seja impossível reconhecer a história contada anteriormente.

Quando Mercúrio aproxima-se de Júpiter, e os dois planetas formam uma conjunção ou outro ângulo favorável, abre-se, num

caramanchão, uma passagem no chão. Ela dá acesso a uma escadaria de trinta e oito degraus, que leva a um complexo de sete galerias subterrâneas. Em cada galeria há um número variável de portas. Digo variável porque há portas que só aparecem em determinadas ocasiões, e portas que se encontram sempre no mesmo lugar. Outras, no entanto, mudam de lugar a cada vez.

Uma porta desse último tipo, localizável somente pelo cheiro de parafina e flores frescas, abre-se para uma sala. Ela está quase vazia, exceto por uma coluna de vidro, que fica exatamente no seu centro. Sobre a coluna, uma clarabóia emite uma luz fosforescente, em tons de verde esmeralda. Dentro da coluna, há um canteiro colorido como os jardins de Monet, com bocas-de-leão, amores-perfeitos, jacintos, narcisos, calêndulas, ervilhas-de-cheiro, angélicas, gloxínias, gérberas, papoulas, margaridas, lírios, primulas e miosótis.

Nessa sala, há oito mulheres muito atarefadas, que entram e saem em absoluto silêncio. Estão totalmente cobertas por crepe preto, em longos vestidos e véus. Acendem velas e as agrupam, trocando-as constantemente de lugar. Desenham círculos, pentágonos, octógonos e todo tipo de formas geométricas, em movimentos rítmicos e sincronizados.

Há uma nona mulher, acocorada a um canto, que chora desconsoladamente, como uma criança abandonada ou alguém que perdeu tudo; um choro soluçante, de profunda tristeza e desamparo. Chora tanto que cai, enfraquecida. As oito mulheres,

então, a carregam escadas acima até uma varanda ensolarada, onde a deitam em uma rede recendendo a baunilha, guardada por um imenso cão branco. Ela então dorme, como se fosse uma criança num berço, protegida por todos os anjos do céu.

Não se sabe quantas praças podem habitar uma única praça. Ela pode desdobrar-se em muitas, conforme o olhar atento ou distraído que a percorre.

Embriaguez

Eu não sou, na verdade, senão o riso que me toma. O impasse onde afundo e no qual desapareço não é senão a imensidão do meu riso.⁸²

Um grupo de amigos ri despregadamente, a ponto de virem lágrimas aos olhos. Querem ficar sérios novamente, mas é tarde demais; já não o conseguem. Riem pelo riso, embriagados pelo seu feitiço, pois já esqueceram o motivo que o causou.

Embriagar-se de rir é uma experiência necessariamente compartilhada. O riso, máquina de guerra inventada pelos infantis, não pode existir senão diante de outrem. Ninguém ri para si mesmo, e, ainda que o faça, é porque pressupõe a existência de mais alguém, mesmo que virtual, com quem compartilha a experiência do riso.

⁸² BATAILLE, apud ALBERTI, 2002, p. 14

Para Platão⁸³, o riso era visto como uma ação torpe; relacionada às baixezas humanas, aos desvios, aos fracassos, às degenerações. Apenas os *fracos* poderiam ser motivo do riso, o qual era considerado um duplo erro: daquele que ri e daquele de quem se ri.

Ainda na Grécia, o riso, ou o cômico, só adquiria importância em oposição ao trágico, apresentando-se, portanto, como segunda categoria, e, portanto, menor.

A oposição ao pensamento considerado sério; e o fato do cômico apresentar-se como categoria menor, conferem ao riso características de uma autêntica máquina de guerra nômade e infantil.

Considera-se o riso como um desvio, um caminho menor, que desestabiliza, pois nos coloca diante de algo que não é pensável, que faz gaguejar o pensamento, que o suspende, por alguns instantes.

O riso é embriagador, e quem ri é mergulhado no prazer de quem nada sabe; o riso alegre e solto das crianças, dos bobos, dos palhaços; o riso remete ao absurdo, ao ridículo, ao *nonsense*.

Considera-se o riso como um não-saber, como um não-fazer. Interessa o riso que infantiliza, que minora, que nomadiza a vida e os currículos escolares. O riso no pós-curriculo, máquina que mistura corpos, ditos e não-ditos, que dá vazão aos devires, que permite um esburacamento, um adelgaçamento, um tornar-se invisível.

⁸³ ALBERTI, 2002, p.42

Os grandes homens não são capazes de rir como os demais, porque sua importância os impede de achar graça em suas próprias ações. Os que possuem espíritos livres, no entanto, apreciam uma boa risada, especialmente se for de seus próprios erros e desgraças.

Se fiz bem, vamos manter silêncio.
Se fiz mal - vamos rir então
E fazer sempre pior,
Fazendo pior, rindo mais alto
Até descermos à cova.⁸⁴

O absurdo capaz de provocar o riso possui uma lógica própria, ilógica como a poesia, como Sexta-feira enfeitando os cactos com as ricas roupas e adereços do baú que Robinson resgatara do naufrágio.

Então cobriu de folhas garridas as nádegas intumescidas da *Crassula falcata*. Uma renda leve serviu-lhe para agrinaldar o falo dentado da *Stapelia variegata*, enquanto vestia de mitenes de cambraia os pequenos dedos felpudos da *Crassula lycopodiades*. Uma touca de brocado adaptava-se perfeitamente à cabeça lãzuda da *Cephalocereus senilis*. Trabalhou assim muito tempo, completamente absorvido pelas suas experiências, vestindo, ajustando, recuando para melhor apreciar o efeito, despindo de repente um dos cactos para vestir um outro.⁸⁵

A irreverência de Sexta-feira é a mesma do pós-curriculo, que intervém com criatividade, faz piada e transgride as normas curriculares, lista interminável de deveres e proibições.

⁸⁴ NIETZSCHE, 2000, p. 309

⁸⁵ TOURNIER, 1985, p. 140

Para o pensamento contemporâneo, o riso acontece diante do que não é pensável; seu território inicia ali aonde o racional estanca. Ele vai além do pensamento, abrindo caminho para um novo lugar a ser preenchido por outro pensar, liberado da doxa. Um pensar com o corpo sem órgãos, com os afectos; um pensamento háptico.

Não se trata do riso de escárnio, do riso que debocha da fragilidade alheia. É o riso do absurdo, do inesperado, do ridículo da condição humana, espremida entre o animal e o divino, sem considerar-se superior ao animal, mas, antes, ao lado dele, e, muitas vezes, mais inepto do que ele.

É o humor que expõe o ridículo e o grotesco, pois não leva a sério a si nem o que faz. Trata-se de “habitar-se pelo avesso”⁸⁶ estranhando-se, reinventando-se pelo riso.

As situações corriqueiras, cotidianas, banais, vistas pelo avesso, fora da lógica habitual, podem render comicidade e leveza, ainda que sejam sérias. Afinal, concorda-se com o sábio Zaratustra, quando anuncia que é “falsa toda a verdade que não teve, a acompanhá-la, nenhuma risada.”⁸⁷ A risada é uma desterritorialização da palavra.

Considera-se que o cômico não é posterior ao trágico, embora tenha sido abordado como categoria menor em relação a ele. O

⁸⁶ DORNELLES, 2004, p. 200.

⁸⁷ NIETZSCHE, 1990, p. 217.

cômico é concomitante ao trágico, fazia parte dele, desde o princípio, e talvez fosse anterior a ele.

Observe-se o potencial cômico dos cortejos dionisíacos, com humanos desvairados, carros cobertos de ramos, flores e frutas, e bestas com chifres e pés de bode, numa mistura sensual, alegre e colorida. E, ainda, as peripécias dos deuses olímpianos para conquistar humanos por quem se apaixonavam, transformando-se em animais ou bestas variadas para enganá-los e persuadi-los. O trágico talvez tenha surgido depois, como castigo pelos excessos cometidos.

Tal como os Fremen, que inventam modos de atravessar o deserto sem ser notados pelos vermes da areia, o devir-infantil do pós-currículo, exercendo sua minoridade, se esgueira quase imperceptivelmente pelas brechas do currículo. Sem fazer alarde, sem tocar tambores anunciando as inversões e perversões que pratica. Com o mínimo de ruído, sem nenhum estardalhaço, para que só consigam percebê-lo através das mudanças que provoca.

Os Fremen inventam suas máquinas de guerra, e da mesma forma, o devir-infantil do pós-currículo inventa o riso, a indisciplina, a irreverência, a desobediência a determinadas regras, algumas das quais totalmente ridículas – como a proibição de usar boné e mascar chiclete em sala de aula – que parecem não ter outro objetivo senão o de mostrar quem impõe e quem se submete.

Os Fremen compartilham a água. As águas que o devir-infantil do pós-curriculo distribui, para ser compartilhada são a arte, a criação, a alegria, a leveza dançarina, os afectos.

Cavalgadores dos vermes da areia, não se submetem ao Império. O devir-infantil do pós-curriculo não se submete ao moralismo curricular, às caras feias, autoritárias e demasiado sérias de seus representantes. E o que ele cavalga? Os problemas e dificuldades que enfrenta para se expandir, para se expressar; as normas, diretrizes e regras que tentam barrar seu caminho.

E o homem que ama os ventos? Ele encontra, no vento, aquilo que quase ninguém percebe: odores, a beleza dos redemoinhos, as línguas que lambem orelhas. . . O devir-infantil do pós-curriculo descobre, nas pequenas dobras e fissuras do curriculo, o que ninguém antes notara: palavras dentro de palavras, pontos, vírgulas, interrogações e interjeições que detonam fluxos avassaladores, que desmancham as frases prontas, as ordens e contra-ordens.

Entrelaçamentos

Chega um momento em que é preciso entrelaçar as linhas, apertar os nós, fechar algumas portas, deixando outras abertas, para permitir a entrada de novos elementos, configurando distintos entrelaçamentos.

Certamente, não se disse tudo sobre o que pode o devir-infantil do pós-curriculum em uma realidade escolar que ainda prioriza as formas acabadas, as verdades consagradas, a inquestionável moral do bom senso e do senso comum. É difícil mover-se nesse panorama, mas não impossível. Basta buscar uma saída, ou várias, como o macaco de *Informe para una academia*⁸⁸ A cabeça primeiro; é preciso mantê-la erguida, e privilegiar a música, o som. Não a música estruturada; os sons significantes: gritos, algaravia, balbúrdia, cantilenas que se repetem como mantras. É preciso investir nas experimentações: criar, errar, recomeçar.

Não se sabe, até que se experimente, como é possível, no espaço estriado do curriculum, constituir-se um pequeno território de espaço liso. Conta-se, certamente, com os afectos, com os encontros, com a ação compartilhada, Conta-se com o contágio promovido por vizinhanças, com as partículas que se deslocam entre corpos, promovendo devires. Conta-se com a transformação dos espaços, de óptico para háptico, de estriado para liso. Lida-se com um paradoxo, que possibilita o surgimento de um pós-curriculum no seio do curriculum,

⁸⁸ KAFKA, 1983, p. 624 – 634.

crescendo e se expandindo sem destruir o primeiro, conjugando suas potências com as dele.

Aposta-se na mudança causada pelo devir-infantil do pós-currículo que dança, brinca, alegra-se, corre, pára, chora, grita, ri, salta, esparrama-se. Um devir saudavelmente indisciplinado. Afinal, o que é a indisciplina senão um sintoma de que as coisas não vão bem, que a chatice impera, que as potências estão diminuídas? Aos olhos de um pós-currículo, além de servir como alerta, ela age como impulso à invenção de novas formas de organizar os corpos, os saberes, os espaços escolares, privilegiando a alegria, privilegiando o riso.

A graça, o risível, o absurdo fazem parte do pós-currículo, que não se julga demasiado sério, que não se atribui nenhuma importância, ou que se sabe tão importante quanto um sapato que aperta, uma roupa que se rasga, a inabilidade da mão que segura um lápis pela primeira vez, uma vontade incontável de rir. . . e outras tantas situações banais do cotidiano escolar. A escola não deve levar-se muito a sério, ainda que julgue serem de grande importância os conhecimentos e valores que ela transmite. Afinal, o bom humor é necessário até às indiscutíveis verdades.

Um pós-currículo pode utilizar o riso como estratégia para uma educação artista, que inventa transformações, que promove iterações que se repete diferindo. Ele propõe a reciclagem de planos, técnicas, táticas, estratégias, idéias. Reciclar, aproveitar os resíduos,

fazer com que o que se tornou demasiado duro e molar se desmanche, por dentro. Que se mantenha o que varia na permanência.

O pós-curriculo que se quer traça planos trôpegos, falhos, com possibilidades outras em aberto, pois leva em conta os buracos, as falhas. Traça planos à medida que percorre os caminhos, os fluxos que conduzem as ações.

Privilegia-se a experimentação por acreditar que apenas o que for vivido em intensidade, como o corte na carne, pode transformar. É pela emissão de forças em movimento que os acontecimentos sucedem. O acontecimento não pode ser fotografado, filmado, decalcado. Ele consiste naquilo que escapa, somado ao que se atualiza; o acontecimento vai além do fato em si, vivido, experimentado. Ele se compõe, igualmente, daquilo que não é efetivado, a matéria informe que vaza pelos dutos.

Os devires-infantis e o riso como máquina de guerra não são exteriores ao curriculo, e não se dirigem contra ele, mas se agenciam com ele, desenvolvem-se concomitantemente a ele: esse o paradoxo do pós-curriculo. Eles surgem no limiar do curriculo, naquela zona de indiscernibilidade, que se situa além do limite, lá onde ocorrem as transformações. Possa a escola, sob a ação do pós-curriculo, impregnar-se de práticas que reverenciem a graça, o riso, o absurdo. Sejam os nômades instrumentos de forças que produzam transformações no terreno escolar, deslizamentos nas suas estruturas,

desabamentos de antigas estátuas solenes e graves, velhos fantasmas que assombram o cotidiano das escolas e salas de aula.

A instituição escolar empenha-se, continuamente, em conter o que pulsa, aprisionar a vida, congelá-la, compô-la como norma, como modelo de verdade, de saber-poder. Por isso, faz-se necessário inventar um pós-curriculo, que invadirá seus espaços com devires-infantis, que são puro fluxo, escape, novidade, energia solar. Que se crie uma nova geografia, desenhando os traçados das tribos, das matilhas.

Possa um pós-curriculo minorar a linguagem escolar, e torná-la pequena, como o grão de areia que não tem destino ou lugar certo. Que se espalhem sons, ruídos, imagens incertas, inacreditáveis odores. Para ouvidos, narizes, olhos, boca, pele, língua. Que façam fugir a linguagem escolar. Que se criem vozes dentro de vozes, que atravessem o espaço estriado do curriculo, que se conectem a outras variáveis, que surjam salas de aula dentro das salas de aula. Que se dê ouvidos às vozes que divergem, ou que calam. Escute-se o silêncio, carregado de sentidos.

Possa, um pós-curriculo, artistar na escola, nas salas de aula e fora delas. Artistar nos gabinetes e corredores, nas salas, nas secretarias, nos pátios e nas portarias. Siga-se um único modelo: o da transformação, da permanente variação.

De qualquer forma, as forças que emergem num pós-curriculo serão capturadas, e um novo ciclo recomeçará, a diferença se repetirá. Mais uma vez, ele extrairá, dos elementos, as forças que o animam, para iniciar um novo ciclo.

Do fogo, a energia que provoca choques, convulsões, explosões, a natureza guerreira, que nunca esmorece, que reinicia a cada vez, ressurgindo do nada, como a fênix, a cada batalha perdida.

Da terra, a paciência e o acolhimento, a conservação e crescimento das sementes que anunciam novos períodos; a cautela que obriga a observar os fluxos, antes de decidir a direção a ser tomada; a firmeza para seguir por ela, mesmo quando as condições parecem ameaçadoras.

Da água, o poder de penetrar em qualquer fresta, e propagar-se em muitas direções; o ímpeto das correntezas, que descem montanhas, arrastam entulhos, removem obstáculos.

Do ar, as partículas gasosas, os corpos voláteis, a dispersão que possibilita ao pensamento navegar sem sair do lugar, como fazem os pilotos da companhia CHOAM; mas, diferente deles, sem usar especiaria.

Transformações são necessárias à sobrevivência do currículo. É preciso morrer para continuar existindo: na medida em que ele se

desfaz, abrindo espaço para o pós-currículo, garante-se sua continuidade, seja no interior do que o sucede, seja no exterior.

Este trabalho que finda não pretendeu apontar um modelo de pós-currículo, o que seria uma contradição, pois ele é avesso a modelos e cópias. Pretendeu instigar, perturbar, conjugar possibilidades em conformidade com o pensamento da filosofia da diferença, para uso de educadores de má-vontade com o que está posto, decidido, erigido como padrão. Para educadores que acreditam na mudança cotidiana, dos pequenos detalhes que não se reivindicam nenhuma primazia, nenhuma preferência em relação a qualquer verdade, estabelecida ou por vir.

Buscou-se traçar um caminho virtual, um mapa de afectos promovidos por um corpo incorpóreo, que não passa de efeito de superfície, ação de verbos no infinitivo: minorar, infantilizar, nomadizar, rir, dançar.

O que minora, um pós-currículo? Minora as expectativas de professores, supervisores, técnicos, delegados, secretários, bibliotecários, funcionários, alunos, pais, comunidade, enfim, todos os que se acham envolvidos com a escola e as práticas escolares. Em que sentido? No sentido de não pretender que a escola opere grandes feitos e transformações, garantindo o futuro e resguardando a moral dos que usufruem dos seus serviços, fazendo das crianças cidadãos corretos e responsáveis pela melhoria do bairro onde vivem, da cidade, do país, do planeta. Espera-se tão somente que eles vivam,

com potência e alegria, o dia a dia, experimentando, inventando, perguntando, discordando das regras e códigos que lhes impõem.

O que ele infantiliza? Os planejamentos e práticas de ensinantes e aprendentes, as perspectivas pelas quais se lê a realidade. Infantiliza professores, funcionários, fiscais, e toda gente envolvida com o cotidiano escolar, fazendo-os abdicar do permanente lugar de seriedade, de autoridade, de superioridade adulta, permitindo que venham à tona, nos encontros, blocos de devires infantis e animais, arrastando-os, com seus fluxos, levando-os a experimentar potências alegres, leves, dançarinas.

O que nomadiza? Os lugares marcados, as certezas absolutas, as verdades indiscutíveis, os valores tidos como certos, as territorialidades com direitos adquiridos historicamente. Desloca, troca tudo de lugar, com movimentos imprevisíveis e caóticos, promovendo relativização e fuga dos territórios conquistados, obrigando os saberes a conquistar novas territorialidades, as verdades e valores a se reciclar, os indivíduos a se reconhecerem como inacabados e mutáveis.

Do que ri? Das cópias e exercícios sem sentido, feitos apenas para passar o tempo e manter as turmas ocupadas. A expressão de fúria dos professores que, mesmo gritando e ficando vermelhos, não conseguem “controlar” seus alunos. Dos livros de ocorrência. Da proibição de correr nos corredores. Dos planejamentos que se fazem para entregar às autoridades competentes, mas nunca são postos em prática. Das reuniões pedagógicas nas quais só se tratam de assuntos

administrativos, reclamações, fofocas e vendas. Das filas indianas que obrigam as crianças a fazer, para se deslocarem organizadamente.

Dos castigos impostos a alunos que perturbam, tirando-lhes o recreio, o que só provoca comportamentos mais incomodativos no período após o recreio. Das aulas de Educação Física ministradas por professores de séries iniciais, sem habilitação para fazê-lo, e entregam bola aos meninos e cordas ou bambolês às meninas, enquanto ficam sentados lendo em um banco ou tomando cafezinho no refeitório ou sala dos professores. Da proibição de rir e falar quando a professora está falando, e de perguntar quando ela já explicou tudo, e avisa que não vai repetir a explicação.

E ri de pura alegria e gozo quando experimentações acontecem, resultando em prazer, em alegria e levezas bailarinas, em sensação de liberdade, em descoberta de novas saídas.

E quando dança? Quando consegue imprimir a uma experiência toda a força de suas características infantis, nômades, menores, provocando transformações, que, mesmo pequenas e quase imperceptíveis, carregam as forças imprevisíveis e naturais dos elementos fogo, terra, água e ar. Dança como os espíritos livres, como o deus de Zaratustra, ao atingir o máximo de sua potência, ao conquistar o lance de dados perfeito, o jogo ideal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____ *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1999.

_____ *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Editora Planeta, 2003.

_____ *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. Tradução de Aurélio Guerra. São Paulo: Ed. Escuta, 2001.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2001.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CAVALCANTI, Virgínia. *O equilíbrio da energia está no salto do tigre*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 1989.

CORAZZA, Sandra Mara. *O que quer um currículo?: Pesquisas pós-críticas em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____ *Para uma filosofia do inferno na educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____ *Uma vida de professora*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

_____ *Artistagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____ & TADEU, Tomaz. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

COSTA, Luciano Bedin da. *Ritornelos, takes e tralalás*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

_____ & GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução de Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____ *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

_____ *Espinosa: filosofia prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

_____ *A imanência: uma vida*. In *Dossiê Deleuze, Educação & Realidade* v. 27 n.2 Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2002 b.

_____ & PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

_____ & GUATTARI, Félix. *O Anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

_____ *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

_____ Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____ Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3 Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____ *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997a.

_____ Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol 2. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997 b.

_____ Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997 c.

_____ Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: ed. 34, 1997d.

DORNELLES, Juliana Leal. *O clown e a arte de perder*. In *Corpo, arte e clínica*. FONSECA, Tânia Mara Galli e ENGELMAN, Selda (org.). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 191-210.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: LP&M, 1991.

GOMES, Paola Basso Menna Barreto. *Devir-animal e educação*. In *Dossiê Deleuze*. Educação & Realidade, v. 27 n. 2, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2002, p.59-66.

HERBERT, Frank. *Duna*. Tradução de Jorge Luiz Calife. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

HILLESHEIM, Betina. *Entre a literatura e o infantil: uma infância*. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

KAKFA, Franz. *Josefina*. In: *Um artista da fome e A construção*. (p. 37-60) Tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

_____ *Contemplação e O fogueira*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

_____ *Informe para una academia*. In: *Obras completas – Franz Kafka*. Editorial Teorema – Visión Libros. Traducciones de Joan Bosch et alii. Impreso en España, 1983.

KRENAK, Ailton. In: CAMARGO, Pedro e MANSUR, Alexandre. *A convivência com a grande mãe*. Entrevista com Ailton Krenak. Revista Ano Zero, n. 10. Rio de Janeiro: Ed. Ano Zero, fevereiro 1992.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. São Paulo: Círculo do livro, 1990.

_____ *O nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

_____ *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

_____ *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PIRARD, Eduardo Carrasco. *Para leer Así habló Zaratustra de F. Nietzsche*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2002.

ROY, Kaustuv. *Gradientes de intensidade: o espaço háptico deleuziano e os três "erres" do currículo*. In *Dossiê Deleuze*, 2002. p. 89-110.

SARRAUTE, Nathalie. *Infância*. Tradução de Luiz Carlos de Brito Rezende – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SCHÉRER, René. *Homo tantum o impessoal: uma política*. In: ALLIEZ, Eric (org.) *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Coordenação de tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000.

SILVA, Rosane Neves da. *A dobra deleuziana: o mundo como potência de invenção*. In: *Corpo, arte e clínica*. FONSECA, Tânia Mara Galli e ENGELMAN, Selda (org.). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 239-258.

TOURNIER, Michel. *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*. Tradução de Fernanda Botelho. São Paulo: Ed. DIFEL, 1985.

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. Tradução de Mário Quintana. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1946.

ZOURABICHVILI, François. *Deleuze - Uma filosofia del acontecimiento*. Buenos Aires: Amorrortu, 2004.